

MAR DA PALHA



Saramago
Dez anos de ausência

Vacina da malária. Da Lisnave à Cidade da Água. Provas à distância. Livros.

Mudanças no Mar da Palha

Termina o tempo de aulas, presenciais ou à distância, e o *Mar da Palha* lança, online, o último número de 2019/2020. Terá, provavelmente, sido dos mais difíceis de concretizar. A quase total ausência de alunos nas escolas obrigou a uma concentração no trabalho dos que nelas estiveram nestas últimas semanas, que já viam no horizonte os exames de Julho. Mesmo assim, foi possível reunir um conjunto de trabalhos muito interessantes, que reflectem interesses e preocupações dos alunos, desde a relação com os conteúdos programáticos até à vontade de estar a par da investigação científica mais recente, passando por um olhar a cidade que não esquece feridas há muito abertas nela e a adaptação a uma nova realidade.

O próximo número, espera-se que seja novamente em papel, mas iremos manter a sua divulgação também na página do Agrupamento e, como já referimos no número anterior, esperamos colocar online todo o conjunto de publicações que já fazemos há quase vinte anos. O que se deseja é um regresso ao espaço de privilégio do ensino e da aprendizagem que é a escola, com todos, porque estes últimos meses mostraram todas as fragilidades de que a inclusão sofre no que respeita à comunidade educativa.

Luís C. Maia

Coordenação: Luís C. Maia

Colaboram neste número: Ana Cecília Azevedo (12.ºLH), Andreia Dogot (12.ºCT3), António Santos (12.ºLH), Inara Ali (12.ºCT4), Inês Lopes (12.ºCT4), Joana Gonçalves (12.ºCT3), Joana Neves (12.ºAV), João Balau (12.º CT4), José Miguel Paes (12.ºAV), Leonor Maia (12.ºCT4), Luís C. Maia (prof. de Português), Maria Manuel Paz (prof. de Português), Mariana Castanheira (12.ºCT4), Pedro Noronha (12.ºPEL), Rosana Cabral (12.ºCT4), Ruben Fonte (12.ºAV), Sara Severo (12.ºCT4), Sofia Simeão (12.º CSE), Vasco Martins (12.ºLH) e Vicente Tavares Antunes (12.ºPMC).

Edição e paginação: Luís C. Maia.

Agrupamento de Escolas Emídio Navarro - Avenida Rainha Dona Leonor 2809-009 Almada.

Tlf.: 21 272 12 10 Fax: 21 276 37 41

<http://www.aeen.pt>

mardapalha.aeen@gmail.com

Nos dez da morte de José Saramago	4
O Ano da Morte de Ricardo Reis: o primeiro encontro de Pessoa e Reis	5
Uma homenagem a José Saramago	6
O Ano da Morte de Ricardo Reis: a revolta dos marinheiros	11
Uma leitura de O Ano da Morte de Ricardo Reis	12
<i>Uma leitura de Ensaio sobre a Cegueira</i>	14
Saramago nos programas de Português	16
Em busca de outra vacina muito desejada	20
Uma cidade dentro doutra cidade	26
PAP ao longe: Zoom PAP	32
PAP ao longe: Smart House	34
Projeto de Leitura: Drummond, Xingjian, Orwell, Garcia Marquez, Proust	36
Capa de José Miguel Paes	

O custo de produção de cada exemplar do *Mar da Palha*, quando publicamos em papel, é duas vezes e meia superior ao seu preço de venda ao público (€ 2). Para que possamos continuar as nossas publicações, precisamos de todo o apoio possível. Se desejar fazer publicidade na nossa revista, pode contactar-nos através do nosso email:

mardapalha.aeen@gmail.com.

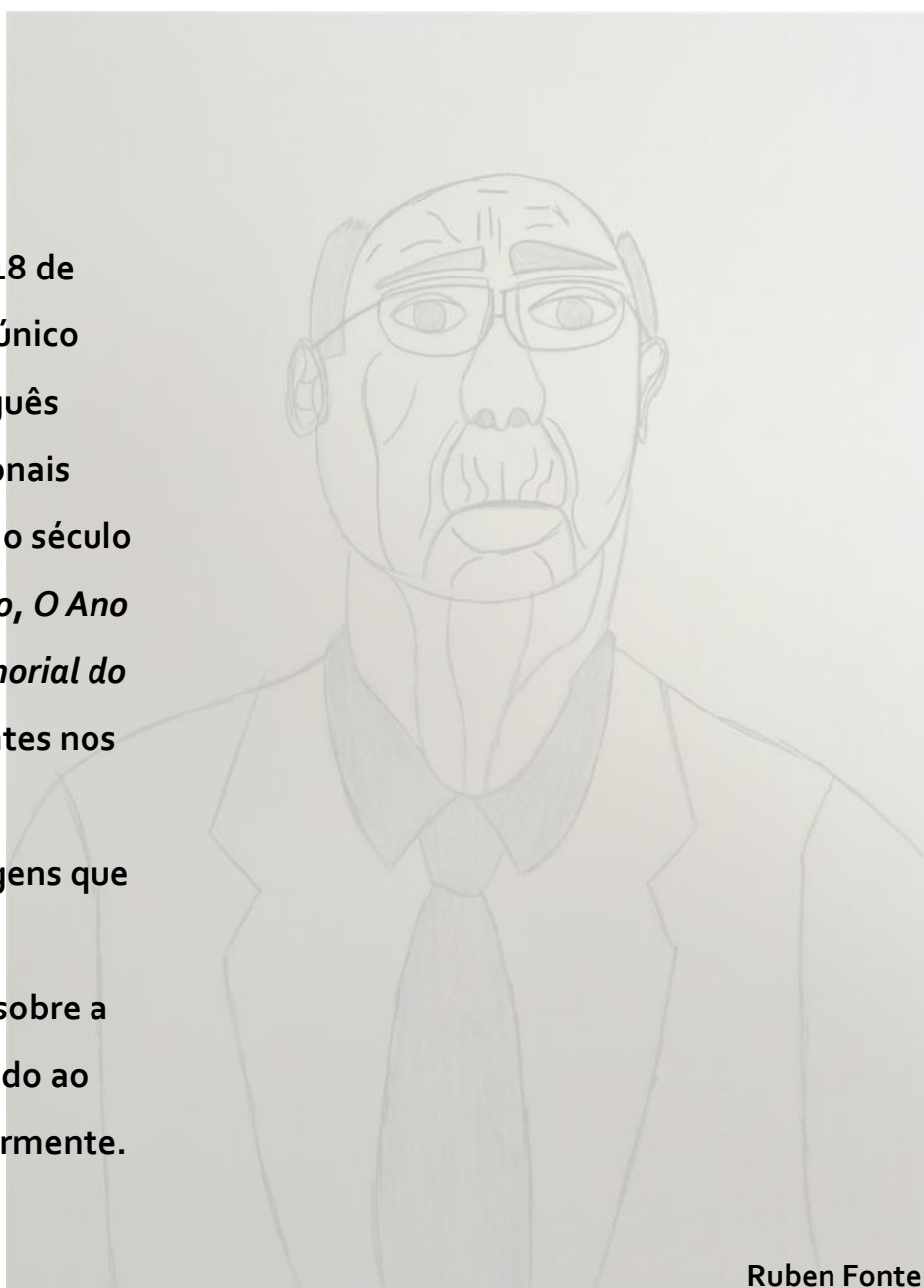
Obrigado.

A linha editorial do *Mar da Palha* observa a não aplicação do Acordo Ortográfico de 1990. No entanto, e porque foi imposto às escolas, grande parte dos textos são escritos segundo as suas directrizes.

Nos dez anos da morte de José Saramago

José Saramago morreu no dia 18 de Junho de 2010, aos 87 anos. O único Nobel da Literatura em português está presente nas escolas nacionais desde o princípio dos anos 90 do século passado: *A Maior Flor do Mundo*, *O Ano da Morte de Ricardo Reis* e *Memorial do Convento* são as obras constantes nos programas de Português.

O conjunto de textos e de imagens que se segue resulta, em parte, do trabalho em aula e à distância sobre a obra do escritor, não se limitando ao que está estabelecido curricularmente.



Ruben Fonte

Ouvia os passos de Ricardo Reis no corredor, em tão completo sossego dá-se pelo mais leve ruído, não há luz em nenhum quarto, ou neles se dorme já ou estão desocupados, ao fundo brilha tenuemente a chapazinha do número duzentos e um, é então que Ricardo Reis repara que por baixo da sua porta passa uma réstia luminosa, ter-se-ia esquecido, enfim, são coisas que podem acontecer a qualquer, meteu a chave na fechadura, abriu, sentado na sofá estava um homem, reconheceu-o imediatamente apesar de não o ver há tantos anos, e não pensou que fosse acontecimento irregular estar ali à sua espera Fernando Pessoa, disse Olá, embora duvidasse de que ele lhe responderia, nem sempre o absurdo respeita a lógica, mas o caso é que respondeu, disse Viva, e estendeu-lhe a mão, depois abraçaram-se, Então como tem passado, um deles fez a pergunta, ou ambos, não importa averiguar, considerando a insignificância da frase. Ricardo Reis despiu a gabardina, pousou o chapéu, arrumou cuidadosamente o guarda-chuva no lavatório, se ainda pingasse lá estaria o oleado do chão, mesmo assim certificou-se primeiro, apalpou a seda húmida, já não escorre, durante todo o caminho de regresso não chovera. Puxou uma cadeira e sentou-se defronte do visitante, reparou que Fernando Pessoa estava em corpo bem feito, que é a maneira portuguesa de dizer que o dito corpo não veste sobretudo nem gabardina nem qualquer outra proteção contra o mau tempo, nem sequer um chapéu para a cabeça, este tem só o fato preto, jaquetão, colete e calça, camisa branca, preta também a gravata, e o sapato, e a meia, como se apresentaria quem estivesse de luto ou tivesse por ofício enterrar os outros.

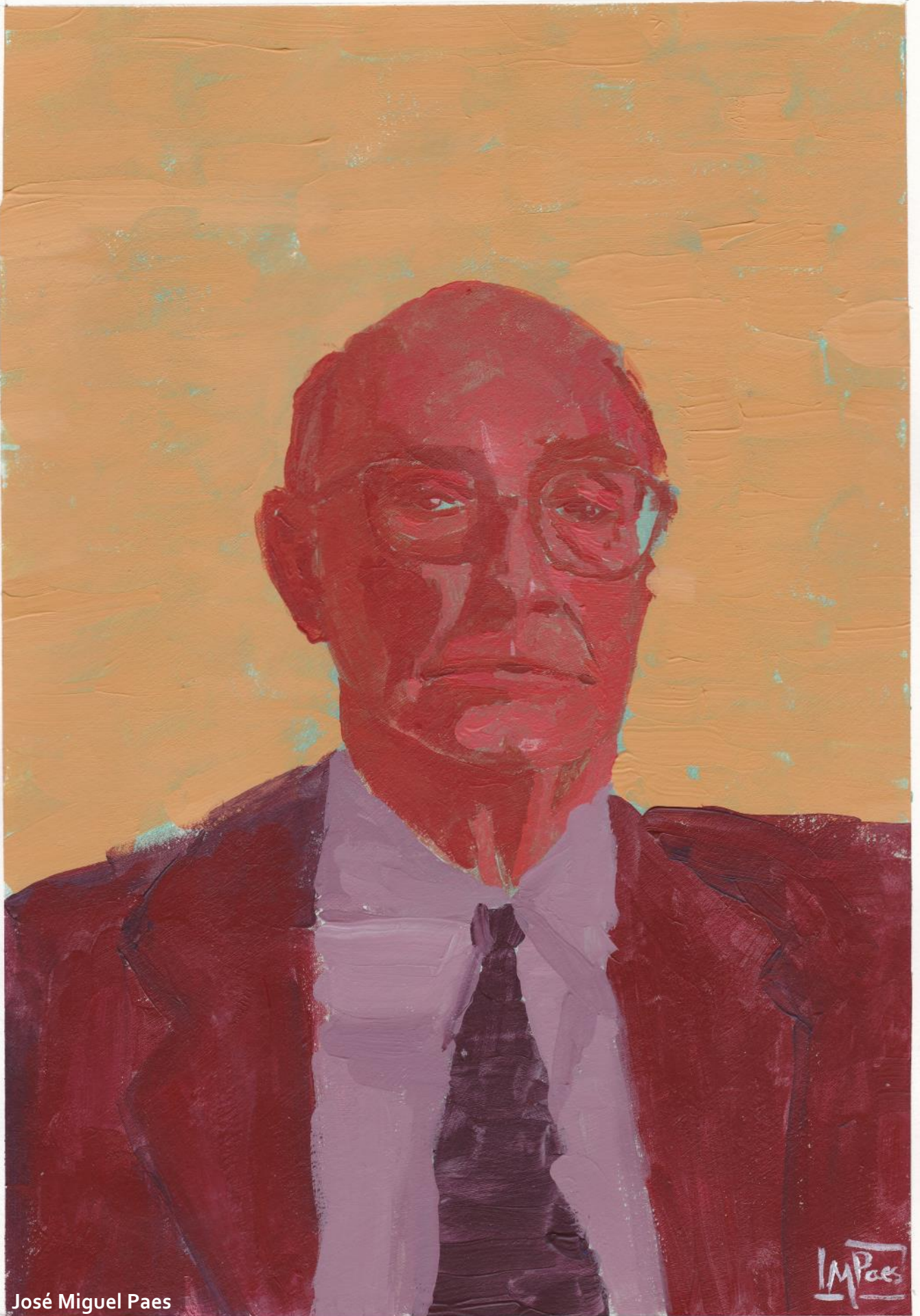
José Saramago, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*



Joana Neves

Uma homenagem a José Saramago

No contexto da realização de um passeio literário a Lisboa, alunos do 12ºano foram desafiados a criar um trabalho subordinado ao tema «Lisboa Literária», cuja parte final consistiria numa homenagem a José Saramago, o autor de *O ano da morte de Ricardo Reis*, obra de leitura integral obrigatória. O empenho foi notório e gratificante a qualidade de alguns produtos finais, um dos quais se encontra publicado na página da nossa escola. Acrescente-se ainda esta publicação de um dos textos produzidos como mais um tributo à capacidade criativa destes alunos.



José Miguel Paes

***(Fernando Pessoa – FP – e Ricardo Reis – RR – no "Mundo dos Mortos",
sentados junto da oliveira sob a qual descansam as cinzas de Sarama-
go, em frente à Casa dos Bicos)***

FP – No mês em que nasci a morte o escolheu.
No mês em que ele nasceu, a vida me perdeu.
Que triste coincidência...

RR – A falar sozinho? Em que está a pensar?

FP – Num dos génios da Literatura Portuguesa...

RR – Está a pensar em si próprio?

FP – *Non, mon cher ami.* ("Não, meu caro amigo")

RR – Desculpe, mas deveria saber que francês
não é o meu forte.

FP – Se ele cá estivesse compreenderia. Também
foi tradutor.

RR – Ele? Mas ele quem?

FP – O José.

RR – Josés há muitos.

FP – Que tivessem ganho o prémio Camões e o
Nobel só houve um.

RR – Saramago! Que é feito dele? Ainda não tive
o prazer de o encontrar por aqui.

FP – Nem você nem eu. Já se passaram mais de 9

meses e nem sinal dele. Provavelmente, ainda vive na mente dos vivos. Não posso julgar tal acontecimento excepcional se também na minha mente ele vagueia.

RR – Acredite, a morte é inevitável. Todos para lá caminham.

FP – Como é que é capaz de dizer isso? O seu nome é a estampa de uma das obras portuguesas mais conhecidas: *O ano da morte de Ricardo Reis*.

RR – Outro Reis, decerto, eu não sou esse. A personagem que Saramago criou é uma mera adulteração da minha pessoa. A minha personalidade só você conhece.

FP – Eu e as suas Neeras e Cloés... e Lídia, que o seu corpo conhece.

RR – Eu não sou homem desses envolvimento. Só lhe conhecia esse lado provocador na obra, Fernando, a admiração deve ser grande para dar vida a essa mordacidade.



FP – Não se ofenda, caro Reis, todo o poeta é um fingidor. Saramago poderia ser sábio, porém nem todo o sábio se contenta com o espetáculo do mundo. Foi por não concordar com essa filosofia que na sua obra fingiu um novo Reis.

RR – Esse novo Reis, apesar de ter características diferentes, continuo a ser eu, mas Saramago transformou-me por completo e traçou-me o destino, ou por outra, deu-me o despacho da morte. Se fosse por si, eu ainda estaria no Rio Janeiro.

FP – De facto, tem razão, eu não o criei assim, aliás, eu só o criei. Saramago deu-lhe todo um percurso e uma história: envolvimento, amores, desilusões,



Leonor Maia

encontros, uma vida! Pergunto-me quem será de facto o seu verdadeiro criador... Eu cingi-me ao elementar, que foi concebê-lo e dar-lhe uma profissão, o laudável fez Saramago, reinventou-o e recriou-o por completo. Acho que falhei...

RR – Não diga disparates, você é o meu criador e sempre será, gosto muito mais da maneira como me criou. Por outro lado, folgo em estar aqui consigo. Sabe que gosto de si, que lhe tenho um amor filial, até Saramago o sabe, quem é que ele escolheu para os meus encontros?

FP – Para além de Lúcia e Marcenda, eu.

RR – Por favor, Fernando, pare com isso, sabe que tal nunca aconteceu.

FP – Sei sim.

RR – Agora que penso nisso, Saramago inclui várias citações das minhas odes e também de versos seus nessa famosa obra.

FP – É o que lhe digo, aquele homem é um génio! Prestou-nos homenagem no seu livro e, tardiamente nos conhecendo, estudou o nosso trabalho, tributando-o no maior monumento literário da era moderna.

RR – Sem dúvida, a sua postura lutadora inspira qualquer um. De uma “família de camponeses sem terra” veio, sem dinheiro para estudar se viu, e pelos seus ideais para Lanzarote se voltou. E com esta foram três vês, não foi coincidência.

FP – “Há pessoas que têm essa mania, exultam com as aliterações.”

RR – Já várias homenagens lhe foram prestadas, desde a criação de uma biblioteca, uma escola e até uma fundação, mas a maior de todas foi sem dúvida o reforço da união ibérica.

FP – Engana-se. A maior veneração a este brilhante escritor é ter lugar permanente no mundo dos vivos, por isso mesmo “não subiu para as estrelas se à terra pertencia”. Creio bem que nunca o encontraremos por aqui...

Inara Ali, João Balau, Mariana Castanheira e Rosana Cabral

Abriu a janela, na rua havia pessoas assustadas, uma mulher gritou, Ai que é uma revolução, e largou a correr, calçada acima, na direção do jardim. Ricardo Reis calçou-se rapidamente, enfiou o casaco, ainda bem que não se despira, parecia que adivinhava, as vizinhas já estavam na escada, entrouxadas nas batatas de trazer por casa, quando viram aparecer o médico, um médico sabe tudo, perguntaram em aflição, Haverá feridos, senhor doutor, se ia com tanta pressa era porque o tinham chamado de urgência. E foram atrás dele, aconchegando o pescoço descoberto, ficaram à entrada do prédio, meio recolhidas por via do pudor. Quando Ricardo Reis chegou ao jardim havia já muitas pessoas, morar aqui perto era um privilégio, não há melhor sítio em Lisboa para ver entrar e sair os barcos. Não eram os navios de guerra que estavam a bombardear a cidade, era o forte de Almada que disparava contra eles. Contra um deles. Ricardo Reis perguntou, Que barco é aquele, teve sorte, calhou dar com um entendido, É o Afonso de Albuquerque. Era então ali que ia o irmão de Lídia, o marinheiro Daniel, a quem nunca vira, por um momento quis imaginar um rosto viu o de Lídia, a estas horas também ela chegou a uma janela do Hotel Bragança, ou saiu para a rua, vestida de criada, atravessou a correr o Cais do Sodré, agora está na beira do cais, aperta as mãos sobre o peito, talvez a chorar, talvez com os olhos secos e as faces incendiadas de repente dando um grito porque o Afonso de Albuquerque foi atingido por um tiro, logo outro, há quem bata palmas no Alto de Santa Catarina, neste momento apareceram

os velhos, quase lhes rebentam os pulmões como terão eles conseguido chegar aqui tão depressa em tão pouco tempo, morando lá nas profundas do bairro mas prefeririam morrer a perder o espetáculo, ainda que venham a morrer por não tê-lo perdido. Parece, tudo isto um sonho. O Afonso de Albuquerque navega devagar provavelmente foi atingido em algum órgão vital, a casa das caldeiras, o leme. O forte de Almada continua disparar, parece o Afonso de Albuquerque que respondeu mas não há a certeza. Deste lado da cidade começaram a soar tiros, mais violentos, mais espaçados, É o forte do Alto do Duque, diz alguém, estão perdidos, já não vão poder sair. E é neste momento que outro barco começa a navegar, um contratorpedeiro, o Dão, só pode ser ele, procurando ocultar-se no fumo das suas próprias chaminés e encostando-se à margem sul para escapar ao fogo do forte de Almada, mas, se deste escapa, não foge ao Alto do Duque, as granadas rebentam na água, contra o talude, estas são de enquadramento, as próximas atingem o barco, o impacto é direto, já sobe no Dão uma bandeira branca, rendição, mas o bombardeamento continua, o navio vai adernado, então são mostrados sinais de maior dimensão, lençóis, sudários, mortaldas, é o fim, o Bartolomeu Dias nem chegará a largar a boia. São nove horas, cem minutos passaram desde que isto principiou, a neblina da primeira manhã já se desvaneceu, o sol brilha desafogado, a esta hora devem andar a caçar os marinheiros que se atiraram à água.

José Saramago, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*



Ruben Fonte

Ano da morte de Ricardo Reis

O Ano da Morte de Ricardo Reis é um romance da autoria de José Saramago, publicado em 1984. José Saramago foi um escritor português que viveu entre 1922 e 2010. Ao longo da sua carreira, publicou mais de 40 obras e recebeu diversos prémios, sendo de destacar o Prémio Camões (em 1995) e o Prémio Nobel da Literatura (em 1998).

Relativamente à história, esta inicia-se no final de 1935, com o regresso de Ricardo Reis a Portugal, por ter sido informado da morte de Fernando Pessoa, e após ter vivido 16 anos no Brasil. O próprio título já nos indica o desfecho da história, sendo que esta se foca no ano de 1936 e explora principalmente os últimos meses de vida de Ricardo Reis (dando destaque aos seus romances e encontros com o fantasma de Fernando Pessoa).

Um ponto muito positivo deste livro é que nos leva a via-

Outro ponto interessante acerca deste livro é a sua complexidade. Inicialmente, e se for a primeira obra de Saramago que estamos a ler, (como foi o meu caso), pode ser difícil decifrar a escrita do autor, principalmente devido à pontuação. Confesso que no início da leitura, dei por mim a reler páginas inteiras porque me perdia nas frases que pareciam não ter fim. No entanto, ao fim de algum tempo, já estava habituada e percebi que a escrita de Saramago se adequa muito bem à expressão “primeiro estranha-se, depois entranha-se”. Eu li o livro uma vez integralmente (sozinha) e mais tarde li diversos fragmentos novamente. A obra tem tantas camadas que a cada leitura que fazia, apercebia-me de algo que me tinha escapado anteriormente e havia sempre algum detalhe que passava a fazer ainda mais sentido ou que interpretava de forma diferente.

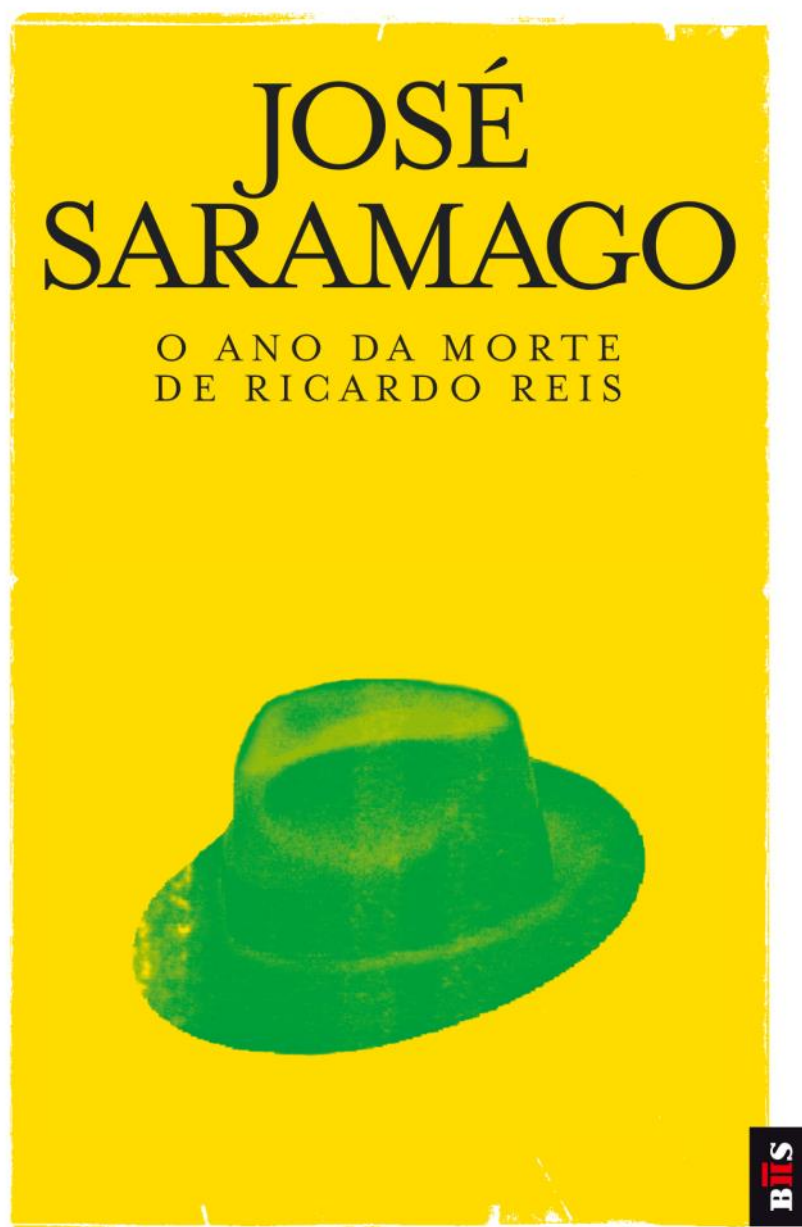
A minha parte preferida do livro foram os encontros de Fernando Pessoa e Ricardo Reis. Estes eram os momentos de reflexão e em que se abordavam os mais diversos temas- a morte e a vida, a dor de pensar, a solidão, etc. A propósito do último, gostaria de deixar aqui uma das minhas passagens preferidas: “a solidão não é viver só, a solidão é não sermos capazes de fazer companhia a alguém ou a alguma coisa que está dentro de nós, a solidão não é uma árvore no meio duma planície onde só ela esteja, é a distância entre a seiva profunda e a casca, entre a folha e a raiz”.

Por fim, a intertextualidade também é algo presente na obra (apesar de por vezes passar despercebida). Esta está presente, literalmente, desde as primeiras palavras do livro- “Aqui o mar acaba e a terra principia”. O autor decide iniciar o livro com estas palavras, “invertendo” o que fora escrito por Camões n’Os Lusíadas- “onde a terra se acaba e o mar começa”. Para além de Camões, há referências às obras de Fernando Pessoa (ortónimo e heterónimos) e Cesário Verde, entre outros.

Concluindo, recomendo a leitura deste

livro. Apesar de ser denso e de não ter uma leitura fácil por exigir uma concentração e atenção que a maior parte dos livros não exige, O ano da morte de Ricardo Reis tem um enredo interessante, dá-nos conhecimento e cultura geral e faz-nos crescer enquanto leitores, sendo que foi uma ótima primeira experiência com Saramago e que me fez querer ler mais do autor.

Andreia Dogot



Ensaio sobre a Cegueira

Decidi começar este texto revertendo o método e recomendo, desde já, este

livro de José Saramago, que é simplesmente uma obra-prima. Zeferino Coelho, seu editor, até nos diz, no prefácio que elaborou para esta obra na coleção Essencial RTP/LEYA, que, possivelmente, foi esta a obra (lançada em 1995) que impulsionou a atribuição do Prémio Nobel da Literatura, em 1998, ao autor português. É uma obra excelente, com uma escrita deleitosa, acompanhada de uma história sensacional, que me prendeu do início ao fim e que, se não leu, também o vai prender. Ler uma das suas melhores obras, se não a melhor, pode ser uma excelente forma de assinalar os 10 anos morte de um dos maiores autores portugueses.

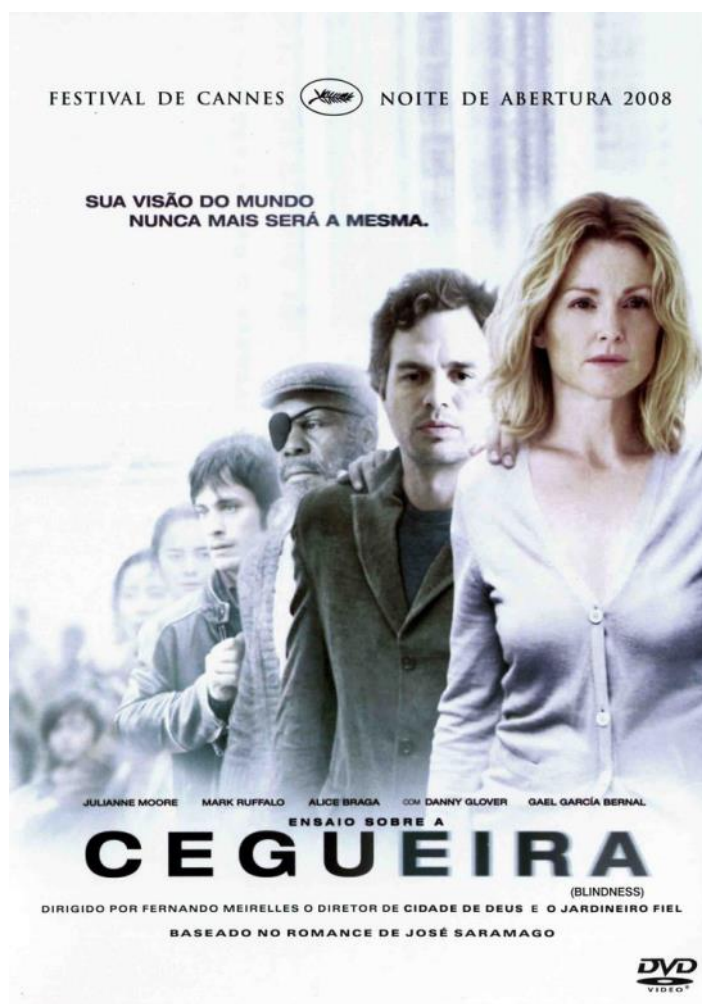
No que toca ao enredo em si, o início da obra, o encadeamento infeccioso, é de uma genialidade incontornável. A forma como esse encadeamento é trabalhado e as reflexões que tem no manicómio entram no

nosso imaginário de uma forma especial e única. O atrevimento de Saramago, a sua capacidade de ir mais além, é certamente o que torna este encadeamento tão apetecível. Já no desenvolvimento da obra, a política torna-se o foco do enredo, colocando as personagens em discussões de grupo (mas também interiores), tais como: "matar ou não matar?"; "ceder ou não ceder?". Há, ainda, a oposição entre uma minoria com poder e uma maioria sem poder. Não se pense que as discussões são parlamentares, são, isso sim, animais e violentas, recorrendo, muitas vezes, aos recursos mais primários da nossa espécie.

As personagens, por sua vez, não são identificadas pelo seu nome, pois isso, naquele contexto, não interessa. Identificam-se por uma característica que as destaca das restantes (o médico, o miúdo estrábico, etc.). As personagens são, ainda, analisadas pelo discurso do narrador. Este dissecar os seus medos, os seus contextos, as suas atitudes. A personagem mais visada por estas análises e comentários é a protagonista, a mulher do médico, que tem um grande privilégio à primeira vista: vê numa realidade em que todos ficaram cegos. Mas, com o folhear das páginas, apercebemo-nos de que, afinal, não é assim tanto um privilégio. Ou, melhor dizendo, é, mas deixa de o ser por causa da sua personalidade. A sua bondade torna o privilégio num fardo, uma vida que podia ser muito mais fácil do que as dos demais na mais difícil, torna uma pessoa que podia ser livre, numa mártir. Ou seja, os privilégios também dependem da pessoa a quem estão atribuídos e quem tem olho em terra de cego não é necessariamente rei. Gostaria de debruçar-me sobre algumas análises feitas da obra por outros leitores. Li, já não me lembro bem onde, que esta obra era uma representação ou um retrato das nossas sociedades atuais. Opinião com a qual não concordo. Considero que é, sim, uma representação de uma sociedade que não se idealiza, que não se prepara para o pior, que não tem planos e que não tem respostas e que, portanto, se afunda facilmente num caos total de perda da humanidade, da sensibilidade e da esperança. É a representação de uma sociedade distópica, que não tem lugar nem tempo definido. Ou

seja, não se cinge a um espaço nem a um tempo (nem, muito menos, a nomes ou grupos específicos), pois a sua mensagem até pode ser um aviso universal para as nossas sociedades de que muitas vezes o pior é o que está para além dos nossos

horizontes, mas nunca uma representação do que estas são. Penso que esta obra saramaguiana é um romance brilhante, que pode e deve ser apreciada sem grandes interpretações

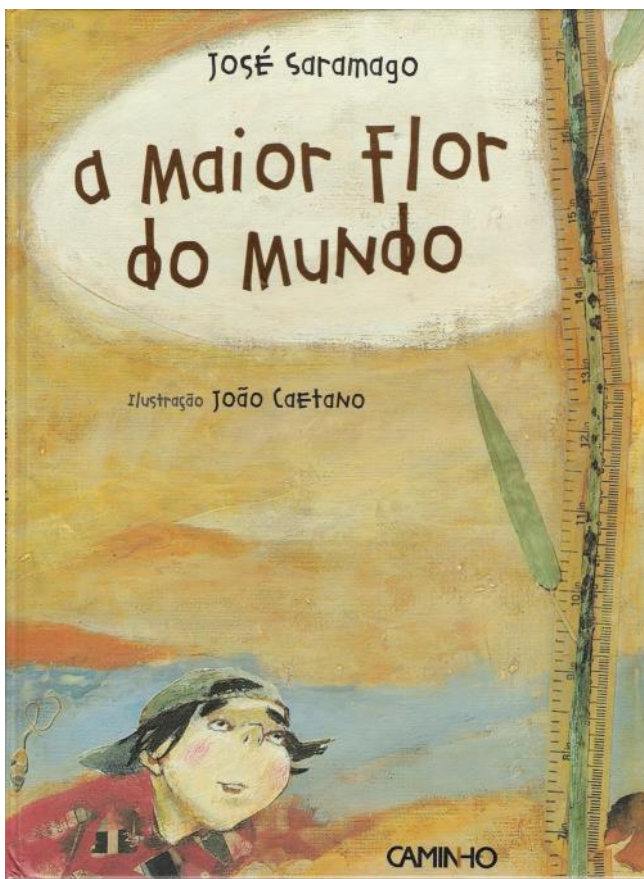


metafísicas, políticas e ideológicas.

O Ensaio sobre a Cegueira é uma obra desconcertante que nos torna seus prisioneiros, como se um gancho perfurasse a nossa carne e nos levasse para onde quisesse.

António Santos

Saramago nos programas de Português

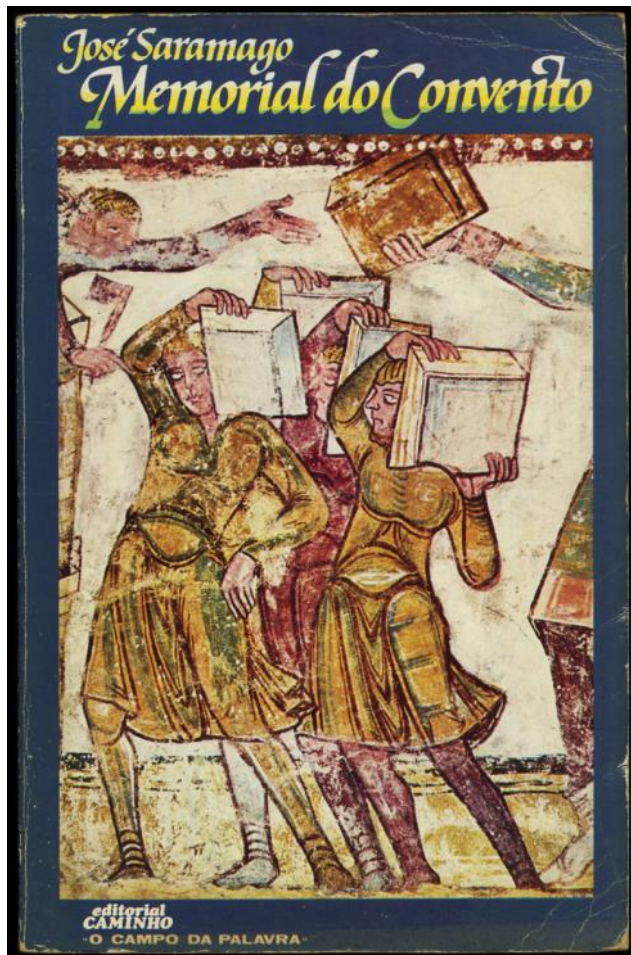


Disse José Saramago, em conversa com Carlos Reis*, não considerar legítimo a configuração de um cânone literário, mesmo sendo ele um dos autores incluídos, como aconteceu na famosa obra de Harold Bloom, *O Cânone Ocidental* (1994), pois essa inclusão resultava antes de um gesto limitado por uma pré-selecção que pouco tem que ver com o valor literário das obras em questão, ou que não se limita a apreciar esse mérito. Acrescentava, e muito justamente, que deve observar características que representem a sua capacidade de variância, porque «o cânone nunca é igual todos os dias».

Seja qual for a perspectiva com que se encare o cânone, que não vale muito a pena discutir neste local, certamente que o único Prémio Nobel da Literatura em língua portuguesa não

cabará no que Sousa Lara ou Cavaco Silva terão como medida de leitura, de cabeceira ou não, protagonistas em maior ou menor grau de um dos episódios mais caricatos da literatura portuguesa pós 25 de Abril. Tão pouco deve merecer lugar na estante de um antigo presidente da Câmara Municipal de Maфра que tudo fez para tentar impedir que o escritor fosse agraciado com a medalha de mérito do município ou fosse dado à escola secundária da vila o nome do autor de *Memorial do Convento*. Curiosamente, ou, provavelmente, nem tanto quanto possa parecer, é a mesma câmara municipal que tem uma das vozes que mais se insurge quando é aventada a possibilidade deste romance deixar de ser leccionado no ensino secundário, que outro valor mais alto se alevantava e não era bem o peito ilustre lusitano.

Se há arremedo de cânone nacional num país que continua um pouco avesso às aventuras da leitura, apesar da evolução que é notória nos últimos anos, é o do estabelecimento de autores e obras a estudar nos programas da disciplina de Português dos ensinos básico e secundário, quanto mais não seja pelo impulso dado ao afã editorial, como se pode constatar do inventário de publicações dos últimos cinco anos. José Saramago, actualmente está presente no 4.º ano e no 12.º ano, com *A Maior Flor do Mundo* e *O Ano da Morte de Ricardo Reis* e *Memorial do Convento*. Mas Saramago entrou para o programa de Português, no 12.º ano, há quase trinta anos, mais precisamente, em 1991. Fazia, então, companhia, a *A Sibila*, de Agustina Bessa Luís, a *Aparição*, de Vergílio Ferreira e a *Mau Tempo no Canal*, de Vitorino Nemésio, tudo obras maiores da literatura portuguesa, e aos alunos era dada a opção de escolher uma delas como leitura integral no ano lectivo. Sucessos vários fizeram com que rapidamente fossem esquecidos os livros de Agustina e de Nemésio, restavam os outros dois, mas com clara vantagem para o romance de Vergílio Ferreira, esma-

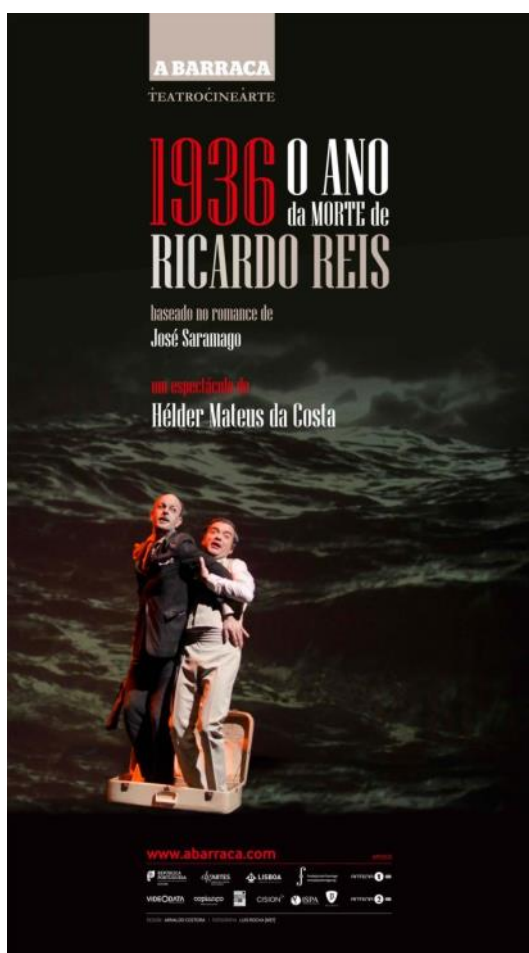


gadoramente maioritário nas escolhas de professores do ano terminal do secundário, o que, por outro lado, trazia algumas vantagens a quem o escolhia o outro, o *Memorial*, pois a possibilidade

de ir com os alunos até Mafra para conhecerem o convento não necessitava de marcações muito antecipadas e os guias, então, não se limitavam a debitar o que se relacionava com a obra de Saramago, como viria a suceder anos depois, em época pós-

no, que levantava muitos problemas e não era o menor deles o seu tom oralizante e, manifestamente, a pontuação, quem pontuava assim? Era aquilo maneira de inculcar nos jovens a boa tradição da arte da pontuação, o pô-los a ler um livro que trocava pontos por vírgulas, que fazia confundir as vozes, que levava o leitor a pensar que Baltazar dissera a Blimunda que tinha mulher em Mafra quando, na verdade fora ela que o perguntara? Tudo se resolveria se Saramago se tivesse limitado ao bom uso "pontuístico", se cordatamente não esquecesse a grande vantagem que é a prática do mais que provado e aprovado dois pontos, parágrafo, travessão. Assim não, com esta desordenação estilística não há leitura que resista, para mais com um narrador de quem não nos podemos limitar a falar da sua posição na diegese, se é participante, ou não, ou se está a contar a sua própria história, este narrador não está na história e está em todo o lado, como o próprio confessa, até nas cabeças dos outros: "andamos é a espalhar os nossos próprios pensamentos pelas cabeças alheias e depois dizemos, Blimunda pensa, Baltasar pensou". Irremediavelmente, para esquecer.

Traçado estava, então, o futuro: em 1997/1998 já não haveria rasto de Saramago nas escolas, os últimos resistentes teriam até Junho de 97 para darem a conhecer uma das obras mais originais da literatura portuguesa e a escrita de um dos autores que mais vitalidade trouxe à língua portuguesa nas últimas décadas. Era esperado, entre o rame-rame de um planificação de anos e a possibilidade de trabalhos acrescidos com uma obra que, apesar de muito vendida, não era muito lida, salve-se a rotina. Findo o ano lectivo, os professores planificam o seguinte e já não há opção para a leitura integral, os manuais, que então brotavam nas escolas como cogumelos de sação, já não contemplavam o romance da Sete-Luas e do Sete-Sóis. Não é que *Aparição* não merecesse todo o trabalho com ela despendido, não precisava era de ficar só em tão grande salão. Porém, há sempre quem goste de dar mais uma volta à história. Escreveu Mark Twain, num dia em que se sentiu mais bonacheirão para abordar a sua não existência, como noticiara um jornal norte-americano:



Nobel.

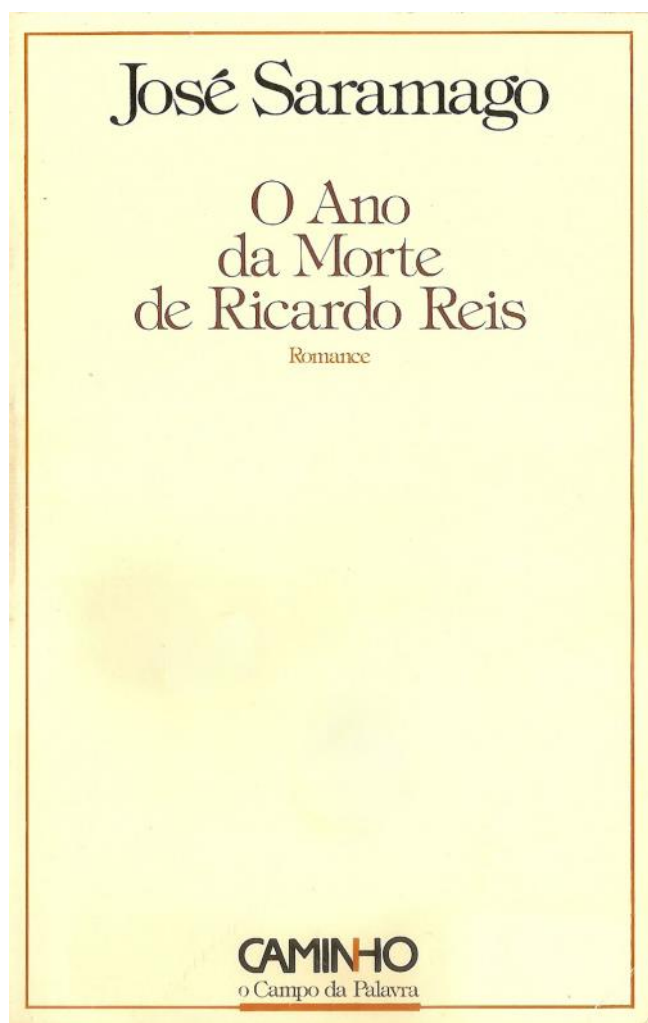
Esta pouca vontade de ler e estudar o *Memorial* ditou o seu fim, ou assim parecia, como obra de leitura integral a Português: em Janeiro de 1997, se a memória não falha, conhece-se um novo documento curricular para a disciplina em que somente consta *Aparição*, caídos estavam os outros três romances. Era o regresso a um monolitismo literário no ano final do ensino secundário que não se desejava, mas justificado com a fraca adesão dos professores ao texto saramaguia-

"The report of my death was an exaggeration". Algo de parecido aconteceu a *Memorial do Convento*, neste caso com sabor escandinavo: um grupo sueco resolveu trocar as voltas às ordenanças ministeriais e atribuiu um prémio a Saramago. Não que fizesse muita diferença, já tinha tantos prémios, o Camões de 1995, por exemplo, e não fora impedimento para a sua saída do programa. Este grupo, porém, carrega o nome do prémio, é de uma academia sueca e chama-se Comité Nobel para a Literatura e o prémio tem, como já disse, esse nome, Nobel. Foi a 8 de Outubro de 1998, já o ano lectivo tinha um mês e depois de todas as festanças iniciais alguém se apercebeu de que o único Nobel da Literatura em língua portuguesa não constava do ensino em Portugal. Nada que não se resolva, terá pensado alguma ilustre figura com poder na educação: faz-se sair um despacho e tudo resolvido, volta a obra à casa da partida. E os manuais, por onde, supostamente, os alunos estudam, nada dizem sobre o livro, que fazer? Com a chamada capacidade de desenrascanço que alguns dizem muito nossa, mas que não é bem assim, tudo se resolve. A verdade é que, acabado o tempo de comemorações, tudo voltou ao mesmo, raros foram os professores que nesse ano deram o romance de Saramago. A partir de 1998/1999, sim, o estudo da passarola e do padre Bartolomeu que a imaginou entrou em força nas escolas portuguesas, acabando o sossego de quem ia a Mafra com os alunos marcando com uns dias de antecedência, agora, com tanta solicitação, às vezes nem um ano chegava para assegurar lugar em frente aos guias que teimavam em confundir ficção e realidade (não todos, valha a verdade).

Encurtando razões, *Memorial do Convento* passou a ter companhia nas escolas portuguesas: chegaram, anos depois, como já se disse, *A Maior Flor do Mundo*, para o 1.º Ciclo, e como opção no 12.ºano, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*. É assim, Saramago, um nome maior no cânone escolar nacional, sabendo todos nós que a sua principal condição é a de ser flutuante, Saramago disse, que ele poderá ser, em breve ou a tempo mais longo, um outro Silva Gaio, todos a caminho da invisibilidade, como outra vez, afirmou Saramago: "A certa altura digo, de Pessoa e também de Camões, que eles vão a caminho da invisibilidade. O Camões transformou-se numa coroa de louros e num olho fechado; e o Fernando Pessoa é um chapéu, uns óculos e um bigode. Vão a caminho da invisibilidade. E é assim que falamos de grandes autores porque sim, porque são grandes autores; mas isso não implica que estejam a ser lidos." Em que se transformará ele, que não usa chapéu nem tem bigode? Nuns óculos e em cabelo desgrenhado, provavelmente.

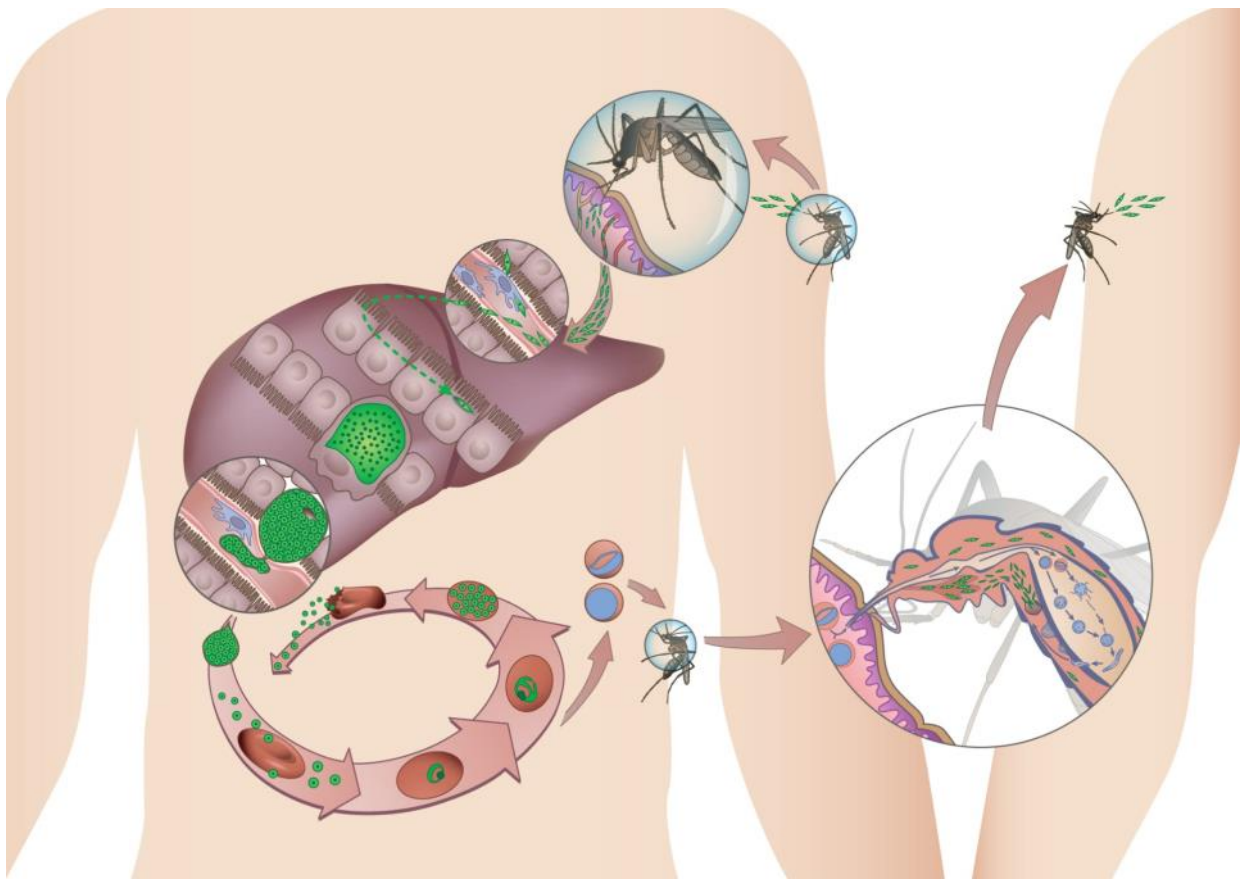
Luís C. Maia

O autor deste texto não adopta o Acordo Ortográfico



Em busca de outra vacina muito desejada

Falar de doenças que não são Covid 19 é da maior importância como chamada de atenção para os problemas de saúde que não começam nem acabam no tema dominante dos últimos meses. Se é importante não descurar a luta contra a pandemia, de igual modo se deve ter bem presente o muito que há por fazer com outras doenças que continuam a marcar o quotidiano de grande parte da população mundial.



Ciclo de vida da espécie *Plasmodium*. A picada de um mosquito fêmea infectado introduz o parasita na pele do hospedeiro. O parasita viaja pela corrente sanguínea com destino às células hepáticas. Depois de se multiplicar e diferenciar no fígado, liberta-se no sangue onde infecta os glóbulos vermelhos e causa os sintomas da malária. Formas sexuais do parasita circulam também no sangue prontas a ser ingeridas por mosquitos para completar o ciclo de vida deste parasita.

Niangoloko, Burkina Faso, África, as folhas e os telhados das casas estão encharcados, mas as paredes não são impenetráveis. O mosquito chega a todo o lado. Avistamos Makaia, que trabalha com ar preocupado ao mesmo tempo que vigia os seus filhos, todos com menos de cinco anos, as crianças são a parte maior do grupo dos mais vulneráveis. Amanhã, irá ao centro onde se fazem os testes para a deteção da malária. Será que está novamente infectada? Se sim, esta será a terceira ou a quarta vez. E não é caso único, muitos dos seus vizinhos vivem situações semelhantes.

A malária é uma doença infecciosa transmitida pela fêmea do mosquito *Anapholes* e provocada pelo *Plasmodium*. A picada daquela transporta este parasita, através da corrente sanguínea, até ao fígado. Aqui, irá diferenciar-se e multiplicar-se para depois se libertar no sangue e infectar os glóbulos vermelhos. A sua presença no sangue do hospedeiro permitirá que outros mosquitos que picam a pele da pessoa infectada passem também a ser transmissores.

A preocupação de Makaia e dos outros habitantes é mais do que justificada. Afinal, em 2018, foram registados mais de 228 milhões de casos em todo o mundo, 93% em África, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS). Morreram aproximadamente 405 000 pessoas e 67% eram

crianças com menos de 5 anos, pois são mais suscetíveis a casos graves da doença. 85% do surto ocorreu em dezanove países da África subsariana e na Índia. Em África, seis países são responsáveis por metade dos casos: Nigéria (25%), República Democrática do Congo (12%), Uganda (5%) e Costa do Marfim, Moçambique e Níger (com 4% cada).

O que se verifica em África não tem lugar em Portugal: em 1973 a OMS considerou a doença erradicada no nosso país e, atualmente, os casos de malária apenas provêm de importação. No entanto, no século XX, a doença estava presente nas antigas colónias portuguesas e também afetou milhares de pessoas nas bacias hidrográficas dos rios Sado, Tejo, Mondego, Guadiana e Douro, até ao início da década de 60, com especial incidência nos vales dos três primeiros, pois nesses locais o arroz era a cultura principal, sendo as suas zonas de cultivo as que fornecem as melhores condições para o desenvolvimento dos mosquitos, que picavam os trabalhadores sazonais daqueles campos, infetando-os. Quando terminava a temporada do arroz, voltavam para as suas casas, em variados pontos do país, e acabavam por espalhar a doença. Foram criadas, então, estações de combate à malária

e delegações do Instituto de Malariologia, de que são exemplo as de Benavente, no vale do Tejo, e de Águas de Moura, perto de Setúbal, no vale do Sado, iniciativa que contribuiu para a implementação de medidas para erradicar a doença em Portugal. Em 1966, com o problema praticamente resolvido no território continental, iniciou-se uma fase de vigilância mais voltada para os casos importados de África, principalmente por militares da guerra colonial.

Os sintomas iniciais da malária são variáveis e podem ser febre, calafrios, suores, dores de cabeça, dores musculares entre outros. No entanto, quando a doença é particularmente grave, o doente pode padecer de sintomas mais agressivos como convulsões, anemia, dificuldade respiratória, alterações de comportamento e de estado de consciência, que podem chegar a coma.

Esta doença, felizmente, tem cura, no entanto o tratamento tem de ser feito o mais rapidamente possível e da maneira correta. É relativamente simples e tem como base medicamentos que podem variar tendo em conta o tipo de parasita, pois várias espécies de *Plasmodium* infetam os humanos. Todavia, Makaia não irá, muito provavelmente, con-



Cartaz do Instituto de Malariologia, do início dos anos 40 do século XX, sensibilizando para a prevenção da doença, neste caso para a utilização de redes mosquiteiras apropriadas.



Tanzânia, um grupo de mulheres reúne-se para aprender a usar redes mosquiteiras e prevenir a malária.

seguir aceder a esse tipo de fármacos. Os países que mais sofrem com a malária, como o Burkina Faso, fazem parte do grupo denominado como subdesenvolvidos, sem condições económicas para conseguir tratar os doentes como é necessário e, por este motivo, é tão importante que se desenvolva uma vacina com total eficácia e a módico custo para conseguir erradicar mundialmente a doença. Portugal tem tido um contributo muito ativo neste campo: em maio passado, foi publicado na revista científica *Science Translational Medicine* um trabalho de uma equipa portuguesa do Instituto de Medicina Molecular João Lobo Antunes (IMM), em Lisboa, que desenvolveu uma vacina inovadora contra a malária que, não sendo ainda perfeita, não falta muito para tal, pois apresentou 95% de eficácia em ensaios clínicos. O resultado da investigação desta equipa é extremamente promissor no caminho para a erradicação da doença.

Para nos esclarecer acerca do trabalho da equipa que lidera, Miguel Prudêncio (*Group Leader*), explicou alguns dos passos dados no caminho até ao trabalho publicado.

- **Porque é que a vacina é mais eficaz ao atuar no fígado?**
- O ciclo de vida dos parasitas *Plasmodium*, agentes

causadores da malária, é complexo, envolvendo dois hospedeiros obrigatórios, um hospedeiro mamífero (como o ser humano), e um hospedeiro invertebrado (um mosquito fêmea do género *Anopheles*). Dentro do hospedeiro mamífero, o parasita passa ainda por duas fases distintas: uma fase de desenvolvimento no fígado, que é obrigatória, mas durante a qual não existem quaisquer sintomas de doença; e uma fase de replicação nos glóbulos vermelhos do sangue, responsável pelo aparecimento dos sintomas da malária. Desta forma, têm sido feitas tentativas de desenvolver vacinas que atuem nestas diferentes fases do ciclo de vida do parasita. No entanto, o carácter obrigatório e assintomático da infeção hepática (isto é, das células do fígado) pelo parasita faz desta fase do ciclo um alvo extremamente atrativo para uma vacina capaz de bloquear a passagem do parasita do fígado para o sangue, impedindo desta forma o aparecimento da fase sintomática da infeção. E, na verdade, de todos os candidatos a vacina que têm vindo a ser investigados, aqueles que atuam na fase hepática da infeção são os que se têm revelado, de longe, mais promissores. As vacinas que atuam nesta fase do ciclo de vida do parasita espoletam respostas imunitárias

**Miguel Prudêncio,
Group Leader do
PrudêncioLab, do
Instituto de
Medicina
Molecular**



complexas, que incluem anticorpos e linfócitos T, o que as tornam mais eficientes do que outras que conduzem a respostas imunitárias menos eficazes. Assim, e em resumo, o fígado é o alvo preferencial para imunização contra a malária, sendo que o objetivo de uma vacina deste tipo é bloquear o desenvolvimento do parasita no fígado e impedi-lo de sair daí para o sangue, onde ocorre a fase sintomática da infeção.

- Qual a razão da escolha do parasita da espécie *Plasmodium berghei* em vez de outro?

- A ideia-base desta estratégia de vacinação é a de usar um parasita da malária de roedores, que é incapaz de causar doença em seres humanos, e por isso totalmente seguro, como plataforma de vacinação. O *Plasmodium berghei*, um de vários parasitas da malária de roedores que se conhecem, é ideal para este fim por várias razões. Desde logo, porque é o parasita mais usado como modelo para estudar a malária em laboratório, estando por isso facilmente disponível. Por outro lado, é o parasita da malária para o qual as ferramentas de manipulação genética estão, de longe, mais desenvolvidas, permitindo facilmente modificá-lo, o que, como fica claro na resposta seguinte, é essencial para a estratégia de vacinação proposta. Finalmente, o seu genoma apresenta muitas semelhanças com o genoma do parasita humano, o que permite a existência de respostas imunitárias cruzadas entre os dois parasitas. Por todas estas razões, o *Plasmodium berghei* é o parasita mais adequado para o desenvolvimento deste novo tipo de vacina.

- O parasita foi modificado pela equipa de investigação para expressar uma proteína de *Plasmodium falciparum*. O que vos levou a optar por tal procedimento?

A introdução desta proteína visou "mascarar" o parasita de roedores, *Plasmodium berghei*, de parasita humano. Isto foi feito através de uma modificação genética que permitiu a introdução de um gene do parasita humano no parasita de roedores. A ideia de "mascarar" o parasita de roedores de parasita humano é fazer com que, além das respostas imunitárias cruzadas entre as duas espécies de parasita, o sistema

imunitário monte uma resposta especificamente dirigida ao parasita humano. Desta forma, a ideia é dotar a vacina de duas camadas de proteção: por um lado as respostas inespecíficas, que derivam das semelhanças entre os parasitas de roedores e humano, e, por outro, respostas especificamente dirigidas ao parasita humano.

- Antes de testarem a vacina em humanos fizeram estudos em ratinhos, coelhos e macacos. Que critérios vos levaram à escolha destes animais?

O desenvolvimento de uma vacina, como de resto o de um fármaco, por exemplo, passa por diferentes etapas obrigatórias. Chamamos "fase pré-clínica" a todo o trabalho que é feito antes de se chegar a testes em humanos. A fase pré-clínica de desenvolvimento de uma vacina inclui todo o trabalho laboratorial que tem de ser feito para tentar estabelecer aquilo que se chama a "prova de conceito" da estratégia proposta, isto é, demonstrar que a ideia tem o potencial de funcionar para o fim pretendido. Além disso, estes ensaios pré-clínicos visam averiguar a segurança da utilização do candidato a vacina em ensaios com seres humanos, de modo a tentar garantir que estes sejam aprovados e possam decorrer sem riscos para a saúde dos voluntários. Todo este trabalho pré-clínico é feito em modelos laboratoriais e tem necessariamente de incluir ensaios em modelos animais, os únicos

que permitem fazer uma avaliação adequada quer da eficácia prevista, quer da segurança da vacina em causa. Desta forma, nesta fase foram realizados ensaios pré-clínicos em três modelos animais, ratinhos, coelhos e macacos. A escolha do modelo de ratinhos prende-se com o facto de este ser o modelo animal mais utilizado em estudos laboratoriais, e aquele para o qual os métodos de avaliação de respostas imunitárias pré-clínicas estão mais desenvolvidos. O modelo de coelhos foi escolhido por replicar de forma eficaz o comportamento previsto para o *Plasmodium berghei* em humanos, isto é, a sua capacidade de infetar as células do fígado, mas a sua total incapacidade de se desenvolver nas células do sangue e causar doença. Por fim, o modelo de primatas não humanos foi utilizado por ser aquele que mais se aproxima dos seres humanos, sendo por isso o que oferece a maior capacidade de prever o comportamento da vacina nestes. Os resultados obtidos nestes ensaios foram consistentes entre si, indicando que a vacina espoleta respostas imunitárias contra o parasita humano, e indicando a segurança da sua utilização em seres humanos.

- Os voluntários dos testes sofreram efeitos secundários?

Uma das conclusões deste estudo foi a demonstração que a vacina é segura e bem tolerada, não tendo suscitado quaisquer efeitos adversos sérios nos voluntários. Os únicos efeitos que se observaram foram resultantes do modo de administração da vacina, que foi inoculada por picada de mosquito, levando a algumas reações localizadas na zona de administração, que desapareceram rapidamente. No entanto, não houve reações adversas à vacina propriamente dita, o que é um ótimo resultado.

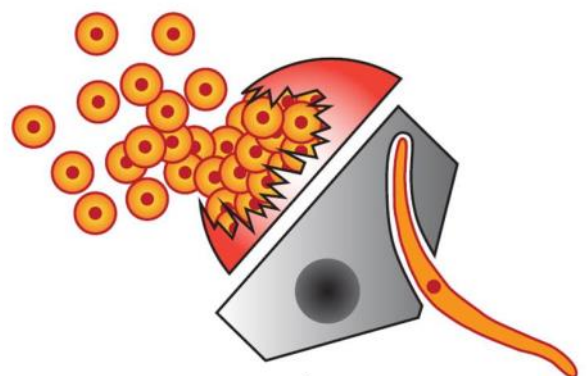
- Quais as conclusões mais relevantes a que se chegou após os testes em humanos?

Além da conclusão de que a vacina é segura e bem tolerada, o estudo demonstrou que a vacina tem um efeito biológico potente, levando à redução da carga de parasita humano no fígado na ordem dos 95%. Isto é um resultado extremamente promissor, mas ainda não corresponde ao

ideal, uma vez que, para se prevenir eficazmente a doença, o bloqueio da infeção no fígado tem de ser completo. No entanto, o estudo mostra que a vacina tem a capacidade de espoletar uma resposta imunitária eficaz, capaz de inibir de forma significativa o desenvolvimento do parasita humano no fígado. Além disso, a análise das respostas imunitárias ocorridas nos voluntários imunizados permite-nos identificar exatamente os próximos passos a dar no sentido de se obter proteção completa contra a malária através desta abordagem de vacinação.

Caso vingue o trabalho da equipa de Miguel Prudêncio, muitas Makaia's poderão, num futuro ainda indefinido, ter menos uma fonte de preocupações e poder olhar os seus filhos sem que uma tempestade figurada por um mosquito sobre elas paire. Seria um passo muito importante para o fim de um dos maiores problemas da saúde mundial.

* Agradecemos a Teresa Maia a revisão do texto.



Uma cidade dentro doutra cidade

Lisnave, aquilo que foi

O estaleiro da Margueira, como é conhecido por poucos, era uma propriedade da empresa Lisnave (Estuários Navais de Lisboa), em Almada, focada na reparação de embarcações. Foi inaugurado a 23 de julho de 1967, tendo-se tornado um espaço de referência para a indústria naval.

A Lisnave em Almada tornou-se num marco nacional, sendo uma das maiores empresas portuguesas na segunda metade do século XX. No panorama europeu também se destacou, pois a empresa investia no progresso, o que se constatou, por exemplo, na conceção de uma doca que podia acolher embarcações que nem sequer existiam na altura, como superpetroleiros (que só vieram a ser criados após o bloqueio do Canal do



José Manuel de Melo, presidente do Conselho de Administração da Lisnave, e Américo Tomás, Presidente da República, em visita, em 1966, às obras do futuro estaleiro.



Imagem RTP

Suez, em 1967, que durou até 1975, e a consequente retoma da Rota do Cabo no comércio mundial).

Por outro lado, também se destacava pelas suas práticas em relação aos trabalhadores, que eram motivo de orgulho para estes e para a empresa: os seus vencimentos estavam acima da média de então (comparativamente com a realidade nacional e especialmente antes do 25 de Abril, quando havia muitas encomendas), tinham boas condições de trabalho, regalias, etc. Ou seja, a empresa valorizava os seus trabalhadores, que eram considerados dos melhores profissionais daquela área a nível europeu e, hoje, os ex-operários recordam esses tempos com saudades, saudades dessa sua outra casa.

A Lisnave (como é conhecido por nós aquele espaço que marca a paisagem urbana da nossa cidade, que delimita a margem do rio com a sua paleta de cores quase monocromática) teve momentos marcantes. Uns

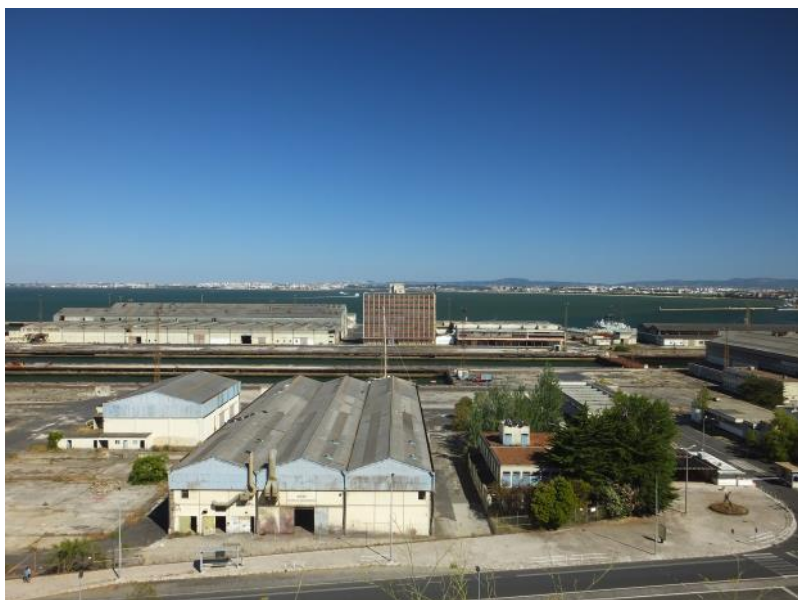


trágicos, como acidentes de trabalho graves, que os operários recordam atualmente com muito pesar. Mas também recordam outros caricatos, entre os quais a pressa de Américo Tomás, aquando da inauguração de uma doca, para se ausentar. A razão não se conhece, mas o momento ficou gravado para a posteridade e na memória de muitos antigos trabalhadores, testemunhas do afã do Presidente da Repú-

blica de então.

Após o 25 de Abril, o PCP ganhou grande peso no cenário da nação, nomeadamente com a capacidade para a convocação de greves, manifestações e afins, em diversos setores. Os funcionários da Lisnave – admitem – não eram os que tinham mais razões de queixa face à sua entidade empregadora. Mas, por um espírito de solidariedade, aderiam a





Imagens do que é o presente da antiga Lisnave

esses mesmos protestos para ajudar os seus pares de outras empresas e trabalhadores de outras profissões.

Estes momentos convulsivos, aliados à aproximação da cidade ao estaleiro e à diminuição das encomendas, são apontados como alguns dos agentes condutores ao encerramento do estaleiro da Margueira na viragem do milénio, tendo a empresa sido deslocalizada para a Mitrena, antiga propriedade da Setenave, em Setúbal.

Cidade da Água, aquilo que será

O projeto Cidade da Água – ou *Lisbon South Bay*, se o estimado leitor for um investidor estrangeiro – é o projeto atualmente estruturado para a reabilitação da área há vinte anos abandonada.

O famoso pórtico vermelho do antigo estuário da Margueira, que era capaz de transportar quantidade absurdas de peso, esconde (não escondendo) a área de 300 mil m², banhada pelo rio Tejo, deteriorada, enferrujada, partida e degradada, com a qual o tempo não tem sido benévolo.

O desejo de que esse enormíssimo espaço tenha de novo vida e cor já é de há algum tempo – e julga-se que vai ser concretizado brevemente.

Este projeto “Cidade da Água” ganhou há pouco tem-

po nome e forma, mas já é pensado e falado desde a data de encerramento do estaleiro (a primeira deliberação camarária para o “lançamento do Concurso Público Internacional por Prévia Qualificação para Estudo de Caracterização Ambiental, Geológica e Geotécnica dos terrenos ocupados pelos Estaleiros da Lisnave e Projecto de Plano de Urbanização da Frente Ribeirinha Nascente da Cidade de Almada” data de 3 de novembro de 2000). Está a ser vendido a investidores, pois já está planificado, mas precisa de capitais estrangeiros para se consumir. Capitais que, parece, serão chineses.

Lendo e vendo o projeto e a apresentação que foi preparada para o mostrar aos investidores, percebemos que o seu grande foco - possivelmente para o valorizar - não é a sua ligação com os seus arredores na margem sul, mas sim com a capital: a sua vista sobre Lisboa, a sua acessibilidade a Lisboa, etc..

Estando a ser vendido a investidores, quer dizer que o seu planeamento já está feito. Foi realizado por uma equipa internacional liderada por Richard Rogers, arquiteto, entre outras muitas obras, do Centro Pompidou, em Paris (com Renzo Piano) e do Millennium Dome, em Londres, que pretende reabilitar aquela zona com o seguinte: residências, comércio, escritórios, hotéis, áreas culturais, atividades náu-

Imagens do que poderá vir a ser a futura Cidade da Água



ticas, uma marina e um terminal fluvial intermodal, entre outras coisas. A construção deste projeto prevê-se que será gradual e que custará mais de mil milhões de euros.

Pretende-se criar uma nova centralidade na área metropolitana de Lisboa, baseada “na sustentabilidade, no ambiente e no comércio”. E tem como finalidade ser “um lugar para trabalhar, para habitar, um lugar de cultura e conhecimento, de lazer e turismo”, como afirmam os promotores do projeto no *site* do mesmo.

O mais importante disto tudo é que se prevê a continuidade do famoso pórtico. Sabemos que a sua utilidade é pouca nos dias que correm, mas o seu simbolismo para a história da cidade é enorme, pois é graças ao estaleiro da Margueira que Almada se expandiu para os seus arredores, como o Laranjeiro, Feijó... O pórtico é um símbolo que remete para a evolução da cidade, que não pode ser esquecida.

A Lisnave foi considerada por Luís Milheiro, ex-trabalhador da Lisnave, num bilhete que está na exposição sobre o estaleiro no Museu Naval de Almada, “uma cidade dentro de outra cidade”. Parece que esta afirmação está próxima de se tornar ainda mais verdade nos próximos anos, com a edificação do - como afirma o *Público* - “maior projeto de reabilitação urbana desde a Expo 98”.

Cronologia do Plano de Urbanização Almada Nascente, Cidade da Água*

2000

Deliberação de Câmara de 03.11.2000 - Lançamento do Concurso Público Internacional por Prévia Qualificação para Estudo de Caracterização Ambiental, Geológica e Geotécnica dos terrenos ocupados pelos Estaleiros da Lisnave e Projecto de Plano de Urbanização da Frente Ribeirinha Nascente da Cidade de Almada.

2002

Sessão de Câmara de 09.10.2002 – Adjudicação do objeto do concurso ao Consórcio WS ATKINS+Santa Rita Arquitectos+Richard Rogers Partnership.

2004

Deliberação de Câmara de 21.07. 2004 – Elaboração do Plano de Urbanização da Frente Ribeirinha Nascente da Cidade de Almada.

2009

Publicação do Plano de Urbanização de Almada Nascente – Cidade da Água (PUAN), no Diário da República nº 218, 2ª Série, em 10.11.2009.

* In m-almada.pt



Aulas para crianças (a partir dos 5 anos), jovens e adultos

Aulas de grupo de acordo com o nível de conhecimentos

Aulas Individuais

Preparação Exames Cambridge

Cursos no Estrangeiro

Instalações modernas e salas totalmente equipadas

Teste de Nível gratuito

O nosso obrigado
pelo vosso apoio
Mar da Palha



CAMBRIDGE
UNIVERSITY PRESS

Learning Partner



Easy Talk - Escola de Línguas
Rua dos Castanheiros nº 13 B/C

2810-036 Almada

Telf: 21 051 40 45

www.easytalk.pt

PAP ao longe

Zoom PAP

As Provas de Aptidão Prática (PAP), um dos momentos mais importantes nos cursos profissionais, tiveram este ano, forçosamente, uma nova configuração: grande parte do trabalho realizado e muitas apresentações decorreram à distância. Houve problemas que não tiveram resolução fácil, mas as provas acabaram por ter um resultado positivo e foram, simultaneamente tempos de aprendizagem, de adaptação a novas situações.

Este ano, como todos sabem, estivemos fechados em casa e as PAPs tiveram de ser finalizadas e apresentadas a partir daí.

A apresentação da PAP foi realizada numa sala *Zoom*, em que os alunos convidados poderiam entrar e assistir às outras apresentações enquanto esperavam pela sua vez, o que possibilitou uma inclusão no meio, dissipando algum nervosismo e até ter cada um tempo para poder corrigir algo da sua apresentação oral.

Esta nova experiência, no meu caso, foi limitadora porque não pude concluir o trabalho físico, nem desenvolver algumas fases que nos faltavam do projeto devido a falta de acesso a algumas ferramentas. Não nos podíamos reunir para falarmos sobre os erros ou o que faltava fazer, mesmo que o tenhamos feito em reunião via *zoom*, mas não era a mesma coisa do que pessoalmente.

Relativamente à apresentação, foi uma experiência mais confortável pelo facto de não estar-



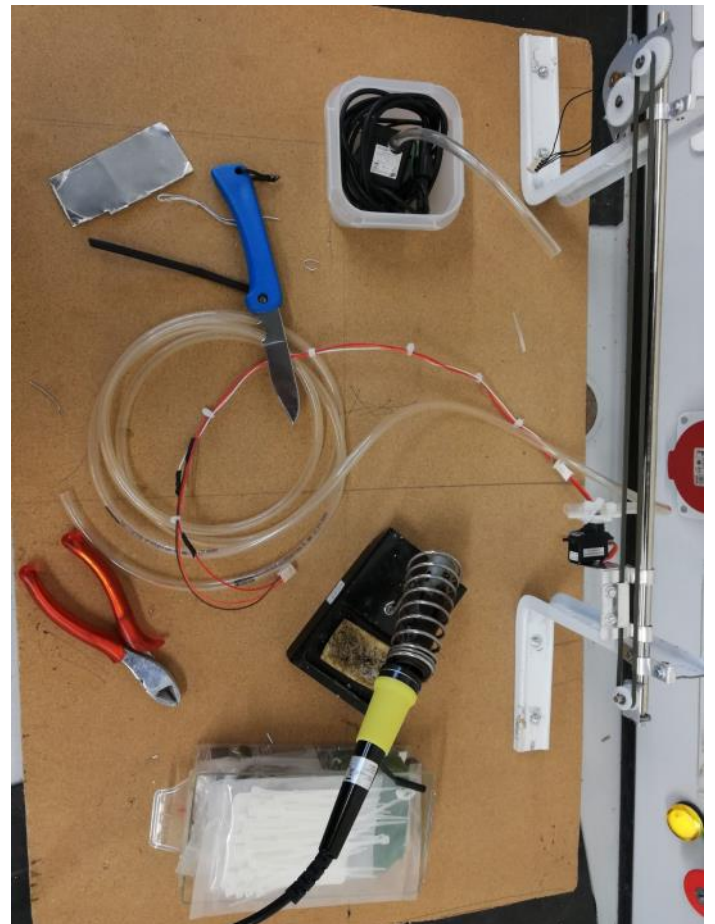
mos à frente dos júris, mas sim à frente de um computador. Os júris estavam presentes, mas foi muito mais tranquilo pois não estávamos cara a cara. Também tivemos um pequeno problema devido a falhas técnicas dos computadores dos alunos que estavam a fazer a sua apresentação, por exemplo, microfones, internet, entrar na sala zoom, o que fez com que demorássemos um pouco mais do que o previsto.

Ainda dentro deste contexto, tivemos uma pré-apresentação em janeiro das PAPs em que deu para se perceber a pressão que os alunos dos anos passados tiveram, algo menos agressivo para nós.

O que nos deixou mais insatisfeitos foi a questão de não podermos ter concluído o projeto ao qual dedicamos tantas horas de trabalho, mas é compreensível devido à situação em que estávamos e ainda estamos.

Foi uma experiência mais agradável na apresentação, mas menos rica na realização prática pois teve de ser concluída a distância, mas sempre com o apoio do professor responsável e de outros professores.

Vicente Tavares Antunes



Smart House

As dificuldades que enfrentamos nos dias de hoje face aos problemas causados pela COVID-19, não pode ser desculpa para não se realizar todos os desafios que nos são colocados. Verdade seja dita, o que seria da vida sem desafios, talvez um deserto sem sentido.

No meu caso, dar a conhecer o projeto do meu grupo da Prova de Aptidão Profissional (PAP), foi um ótimo desafio, mas não de um modo negativo, e sim de forma cativante e proporcionadora de inovações e diferentes perceções. Claramente, não deixando de lado os aspetos negativos de uma apresentação online, algo nunca antes experienciado por nós, talvez tenha sido benéfico para a nossa posição enquanto alunos. Por um lado, existe a dificuldade de verificar a veracidade de um trabalho ou apresentação quando é feita à distância e, por outro, temos o calor do público e a sensação de contacto direto com o mesmo, numa apresentação presencial, o que talvez foi determinante para alguns grupos que não se sentiriam muito confortáveis com o olhar atento e pressionante do júri. Sendo sincero, senti falta desse contacto que existe durante uma apresentação.

Não havia qualquer desculpa para não se realizar a apresentação do nosso projeto, "Smart House", que, no fundo e de uma forma mais simples, consiste em controlar diversos dispositivos que se encontram numa habitação através do *Bluetooth*, em conexão com os nossos telemóveis: alarmes, luzes, portas, etc.. Mas, como se pode imaginar, o nosso projeto necessitava de uma apresentação presencial para que fosse feita uma melhor demonstração do seu funcionamento e, como se sabe, através de uma apresentação online este é um objetivo muito difícil de cumprir.

Apesar de tudo, esta experiência foi um sucesso e correu tudo bem, como previsto, com a cooperação entre professores, elementos da direção e alunos, e como se costuma dizer, quando um grande número de pessoas luta pelo mesmo objetivo, tem tudo para correr bem.

Durante a apresentação da PAP, o meu grupo tentou sempre fazer o máximo possível para se aproximar do público e do júri, não deixando de



referir a ajuda dos professores (por exemplo, a utilização da câmara dos telemóveis ou do computador, para que fosse possível haver melhor contacto visual entre os elementos do grupo e as restantes pessoas presentes). Foi de facto um cúmulo de acontecimentos inesperados em que nos fomos envolvendo devido à triste realidade de medo que vivemos por enfrentar este inimigo comum, que surgiu destruindo muitas expectativas, mas nós não podemos ficar de braços para baixo nem pensar que não existe solução para nada, pois solução existirá sempre, nós é que temos que a procurar, se não encontramos, inventamos. Após qualquer mudança, nós temos de procurar sempre o seu lado positivo, encontrar e prosseguir com aquilo que nos pode beneficiar, pois nem tudo é mau ou negativo, dizendo a verdade, esta questão sempre existiu. E quando atingimos um objetivo que sempre perseguimos, não é porque simplesmente fizemos tudo corretamente para a realização de um sonho, mas sim porque nunca recuámos, sem ter medo do que possa acontecer e é assim que nós temos de enfrentar cada desafio na

vida, o futuro.

No início, pensou-se que iria ser muito difícil encontrar uma solução para isto tudo, ou seja, para a avaliação dos alunos, tanto nas disciplinas como na PAP, mas afinal foi encontrada, e bem sucedida, apenas temos de conhecer o que se passa no mundo, não fechar os olhos e adaptarmos à nova realidade dos acontecimentos. Por exemplo, através da experiência que tivemos na apresentação da PAP, não podendo estar em contacto físico com público, ligámos a câmara. Não podíamos demonstrar como funcionavam os dispositivos da casa do nosso projeto, em alternativa, explicámos. Por isso há sempre solução. O importante é nunca desistir.

Em conclusão, espero que esta experiência sirva de exemplo a muitos outros alunos que irão, no futuro, apresentar as suas PAPs ou até mesmo em qualquer outro desafio na vida.

Pedro Noronha

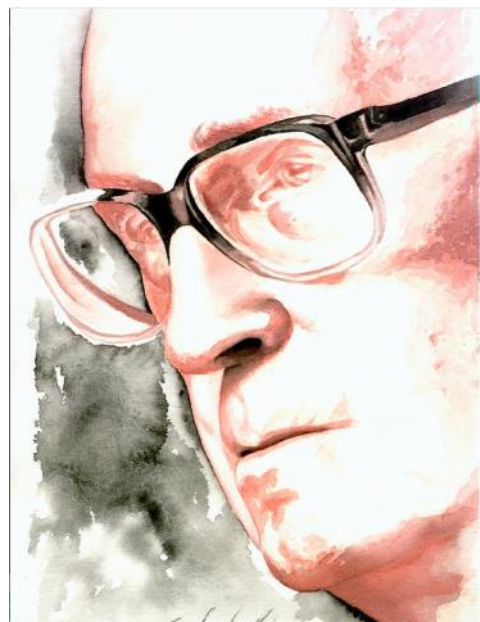
Projeto de Leitura



Estes tempos diferentes que há quem chame nova normalidade, tempo de estar mais em casa do que na rua, tem sido, também, o de mais leituras, concretizadas no âmbito do *Projeto de Leitura*, de que apresentamos, no seguimento do mostrado no último número do *Mar da Palha*, algumas reflexões e apreciações críticas dos alunos que, muitas vezes, serviram de apoio às suas apresentações orais, quase todas realizadas presencialmente.

Espera-se que estes trabalhos possam servir de incentivo para futuras leituras, tanto destes alunos como de quem os lê aqui.

Simple complexidade



Erik Fontes

A obra *Antologia Poética* de Carlos Drummond de Andrade da editora Relógio D'água é um livro com poemas do autor selecionado pela própria editora a partir da última Antologia elaborada por Carlos Drummond.

Apesar de ser considerado modernista, muitos autores e estudiosos afirmam que Drummond foi muito mais do que isso: mesmo que com uma temática voltada para a reflexão acerca da realidade, com base em situações cotidianas, sua consciência crítica ia para muito além disto. O poeta, assim como Cecília Meireles, tinha uma acentuada preocupação em retratar as angústias do homem, indagando seu sentido existencialista porém o que mais o diferencia dos demais autores é a sua escrita clara, simples e coloquial que por fim acaba por ser inspiradora a respeito de assuntos tão profundos e complexos.

O poema "No meio do caminho tinha uma pedra", um dos mais conhecidos do autor, é uma clara representação das características "drummonianas". Apesar de muitas repetições (em 7 dos 10 versos que contém o poema) da expressão "tinha uma pedra", essas repetições são significativas no sentido em que Drummond pretende dar ênfase aos obstáculos que cada ser enfrenta durante sua vida, funcionando como uma metáfora a essas dificuldades, havendo também uma metáfora para a vida, referida como o caminho. Fazendo uso de uma linguagem simples e clara, o autor reflete sobre a forma como lidamos com as dificuldades que inesperadamente surgem na vida do ser humano. De maneira genial, na segunda estrofe o sujeito poético confere total sentido ao poema quando refere que

nunca esquecerá deste acontecimento, das pedras no caminho, na sua vida de retinas fatigadas, recorrendo novamente ao recurso expressivo da metáfora para referir-se à sua idade avançada. Acredito que este poema seja uma belíssima forma de refletir sobre como mesmo que muitas vezes acreditemos que os obstáculos são apenas entaves para atingir o fim que pretendemos, estes são também momentos que ficarão na memória pois o fim muitas vezes não é o mais importante, mas sim o percurso até ele, onde se vive concretamente.

Assim vemos que, apesar do uso de uma linguagem nada rebuscada, são poucos os que realmente compreendem seus poemas integralmente. A reflexão feita, aparentemente ser acerca da realidade de um único indivíduo, o sujeito poético, envolve no fundo uma amostra que não estava a espera daquilo. Podemos tratar o poema com um certo olhar crítico no sentido em que os cidadãos muitas vezes não enxergam as "pedras em seus caminhos" como parte essencial da sua jornada, onde erra-se mas também aprende-se, e sim como empecilhos que impedem-lhes de atingir seus objetivos.

Em geral, os poemas de Drummond são de certa forma dicotômicos pois ao mesmo tempo que oferecem uma leitura fluida, é extremamente difícil de compreender seu significado, necessitando de certa contextualização histórica para apreender algumas de suas obras que têm uma atmosfera mais pessoal como os que falam sobre seu falecido filho e sua cidade natal, Itabira.

Cecília Azevedo



Uma cana de pesca para o meu avô

Uma cana de pesca para o meu avô é um livro de contos escrito por Gao Xingjian. Este aborda os mais diversos temas, como a infância, a morte, a amizade e o amor, sendo que vou destacar três dos seis contos.

“O Templo” é um conto em que o narrador recorda a sua lua de mel, e principalmente a ida do casal a um templo abandonado, na cidade que estavam a visitar. O texto é maioritariamente descritivo, mas o que me fez gostar do mesmo foi a forma como me fez sentir. O casal está no início da sua vida a dois e espera um futuro repleto de aventuras, alegria e amor. Deste modo, e tendo em conta a forma como aquele momento é descrito, (“Nadávamos numa felicidade perfeita, no desejo, no amor louco, na ternura e na doçura da viagem de núpcias (...).”), os sentimentos de felicidade e serenidade passam facilmente para o leitor.

Continuando, “O Acidente” foi o meu conto preferido. Não pelo conteúdo, até porque ao lê-lo, confesso não lhe ter dado o devido valor, mas sim pela reflexão que fiz depois da leitura. Este conto retrata um acidente violento, em que um autocarro atropelou mortalmente um homem que ia na sua bicicleta. O conto foca-se maioritariamente no pensamento dos transeuntes que param para observar e comentar o que se passou. Cada um imagina uma versão diferente da história e pensa no significado daquela vida perdida, mas a realidade é que ao fim do dia já todos o esqueceram- “Devia ser hora do jantar. Só restava a revisora, que esperava com impaciência ao pé da porta do autocarro que enviassem um motorista de

depósito para levar o veículo. Só alguns dos transeuntes lançavam ainda um olhar ao autocarro, perguntando-se porque teria ficado ali, vazio, mesmo no meio da rua. O céu escurecia e já ninguém reparava na macha de sangue escondida sob a terra cinzenta espalhada em frente ao autocarro.”. Assim, este conto faz-nos refletir sobre a indiferença perante o outro e sobre a brevidade da vida, afinal aquele homem que morreu era “apenas mais um”, de entre os milhares que passam naquela rua todos os dias.

Por fim, “Uma cana de pesca para o meu avô” é o conto mais extenso, sendo que dá também o título ao livro. O tema principal do conto é a infância (que o narrador recorda com muito carinho), a importância da família (principalmente do avô, figura muito importante na vida do narrador) e a passagem do tempo. Neste conto, o que mais gostei foi a forma como o narrador descreve episódios da sua infância com bastante pormenor e como manifesta as saudades que sente dos avós e da sua terra natal, que deixara muitos anos antes para ir viver na cidade.

Para além dos pontos positivos de cada conto, quero ainda destacar que este livro é de leitura rápida e tem uma linguagem simples e acessível. Apesar de não ser o género de livro que escolheria habitualmente, surpreendeu-me pela positiva e superou as expectativas, principalmente porque toca em situações do quotidiano, mas de forma a fazer-nos refletir sobre vários temas. Assim, recomendo a leitura deste livro.

Andreia Dogot

1984

Bernd Pohlenz

1984 é uma distopia que decorre no ano de 1984 e segue a história de Winston Smith. Ele vive num regime muito opressivo e extremamente vigilante, controlado por polícias do pensamento e telecrãs, instrumentos que captam o vídeo e o som. Winston trabalha no departamento de Arquivo, no Ministério da Verdade, numa cidade da Oceânia (um dos 3 estados do mundo inteiro), onde reescreve as notícias de acordo com o interesse do regime, liderado pelo Grande Irmão.

Winston não nutre o mesmo sentimento pelo regime que a maioria das pessoas, pois não concorda com as suas ideologias. Ele lembra-se do verdadeiro passado. Certo dia ele conheceu Júlia, que também odiava o partido, e tornam-se amantes. Juntos conspiram contra o partido e cometem diversos crimes. Eles juntam-se à Fraternidade, uma organização que combate o regime.

Mais tarde são apanhados pela polícia do pensamento e levados para o Ministério do Amor. Aí Winston é torturado psicológica e fisicamente, obrigando-o a apoiar o partido e o Grande Irmão. A história acaba com uma reviravolta que eu não vou desvendar neste trabalho.

Na minha opinião o livro está muito bem escrito. Tem uma linguagem relativamente simples e por isso o enredo é acessível. Devido ao facto de ser uma distopia, são utilizados muitos termos que se aplicam exclusivamente à realidade do livro. Porém, apesar do escritor explicar bem esses termos, os mesmos são muito complexos e, por vezes, difíceis de interiorizar. Porém dão outra dimensão à história e tornam-na mais real.

1984 não tem muitos diálogos o que tornou a minha leitura mais difícil. No entanto esta opção tem um papel no livro e revela a inteligência do autor, pois num mundo onde dizer uma palavra a mais ou no sítio errado pode ser usado contra ti, é preferível manter o silêncio.



A edição do livro que li tem apêndice e posfácio, sendo que no primeiro explica-se os princípios da novilíngua e no posfácio o contexto mundial em que foi escrito o livro. Estas partes ajudam-nos, por um lado, a clarificar a utilização da novilíngua e, por outro, perceber como uma obra intemporal foi criada com base na realidade totalitarista de 1930.

A história e o mundo de George Orwell são muito pesados pois acontece tudo sobre muita pressão e desilusão. A trama decorre em cenário de guerra e o partido retira toda a liberdade das pessoas. Para o leitor é penoso ver o quão elas são controladas sem se aperceberem.

Esta sátira é de uma atualidade mordaz e aponta para os perigos que corremos atualmente. Somos vigiados constantemente não só através de câmaras de vigilância, das redes sociais e do histórico da internet, mas também por câmaras de telemóveis, tablets e computadores que podem estar à mercê de *hackers*. Os diversos sistemas operativos ao "conhecer" as nossas preferências condicionam as nossas decisões.

Existe, então, de facto, o perigo de estarmos a caminhar para um mundo parecido com o do livro.

Concluindo eu acho que o livro merece ter o reconhecimento que teve e tem e recomendo a sua leitura.

Joana Gonçalves

Há livros que duram cem páginas

Outros, duram séculos

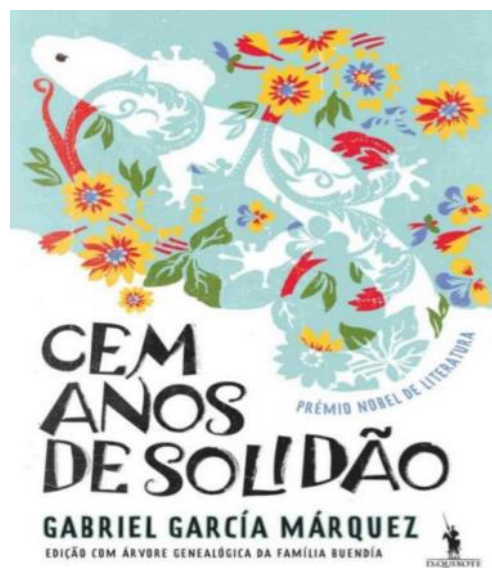
Quem pensasse que *Cem Anos de Solidão*, do colombiano Gabriel García Márquez, ou Gabo, para os mais chegados, é apenas um livro, estaria redondamente certo. *Cem Anos de Solidão* é, efetivamente, apenas um livro. Tal não desmerece, entretanto, a relevância, importância e magnitude demonstrada por este romance — um livro, sendo uma obra de arte, pode encerrar e, neste caso, encerra com todas as certezas, um gigantesco valor. *Cem Anos de Solidão* é, essencialmente, um clássico, não só do realismo mágico em que se insere, nem só da literatura colombiana, mas da arte no geral, em todo o globo.

Este livro conta muitas histórias, e são histórias de muitas pessoas: desde a primeira geração de José Arcadio Buendía e de Úrsula Iguarán, até à última, apresentada sob a forma de Aureliano, filho de dois membros da família e último elemento dos Buendía, que nasce, por força da consanguinidade, com rabo de porco, acabando devorado por formigas no final do livro.

No entanto, e na realidade, que interessa o final? O livro por acaso chama-se *O Centésimo Ano de Solidão*? Não. Trata-se aqui de cem anos, de uma longa linhagem que atravessa sete gerações e, mais do que isso, de um mundo mágico criado pelo autor numa realidade bem conhecida pelo mesmo — a região do município de Aracataca, sua terra natal, que serviu de inspiração para a criação da terra fictícia de Macondo. Mas que seria isto, então?

Macondo é, essencialmente, a concretização em lugar de uma ideia central da escrita de García Márquez, que também se faz presente em *Cem Anos de Solidão* — o realismo mágico, ou seja, a ideia de que a fantasia, a magia, o misticismo, todos estes aspetos irrealis se podem concretizar, na ficção, em aspetos da realidade. É Macondo, e todo o universo do livro, recheada de magia e fantasia? É sim senhor (por exemplo, o nascer de Aureliano com rabo de porco). Mas ela encontra refúgio no Real? Sim, a partir do momento em que se estabelece como uma terra na Colômbia, e a partir do momento em que acontecimentos quotidianos da vida real, como as guerras civis, encontram também eles

presença neste universo fantástico (que o próprio Gabriel García Márquez vai retomar, por exemplo, em *Os Funerais da Ma-*

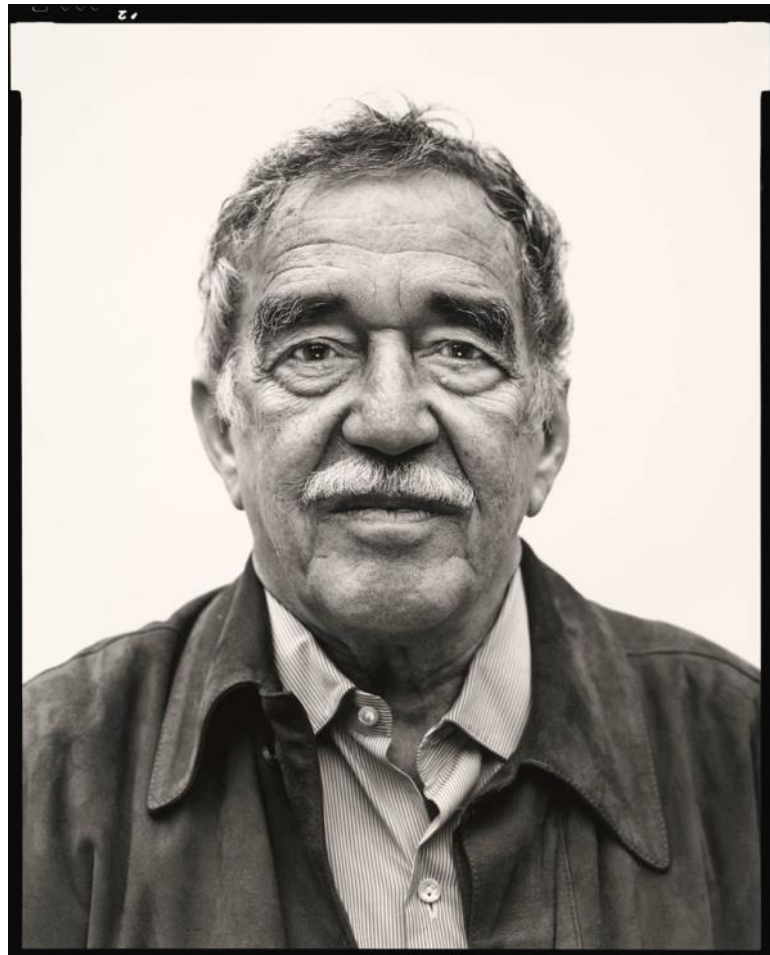


mã Grande, excepcional livro que, talvez, em termos de coletânea de contos do autor, só é ultrapassado, em qualidade, por *Doze Contos Peregrinos*).

Poderia, ainda, citar como personagem favorito o cigano Melquiades que, com a sua loucura, assume uma posição central na trama da obra, profetizando o fatal destino da família Buendía. Poderia ainda mencionar as belas descrições espaciais, tão importantes para o autor. Poderia, e faço-o, porque o livro o merece.

É, em jeito de conclusão, uma obra completa, aliando a escrita impecável à imaginação fértil, a magia ao realismo, num excelente livro, de um excelente autor, com uma excelente história. Há livros, pois, que duram cem páginas e acabam. Este, durará séculos na memória viva da Humanidade.

Vasco Martins



O nosso obrigado
pelo vosso apoio
Mar da Palha



**CAMBRIDGE
SCHOOL**
PORTUGAL

Educação: o seu melhor investimento.

Investir em educação é a melhor forma de atingir objetivos pessoais e profissionais, alargar oportunidades e construir um futuro melhor.

www.cambridge.pt

INGLÊS | FRANCÊS | ALEMÃO | PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS

Em Busca do Tempo Perdido

Relógio D'Água - Clássicos para Leitores de Hoje

Marcel Proust
Do Lado de Swann
EM BUSCA DO TEMPO PERDIDO VOLUME I

TRADUÇÃO DE PEDRO TAMEN



O romance *Em Busca do Tempo Perdido. Do lado de Swann*, de Marcel Proust insere-se na obra *Em Busca do Tempo Perdido*, que é constituída por sete volumes. Este livro divide-se em três partes: nas principais memórias da infância do protagonista/ narrador em Combray; o amor do Senhor Swann por Odette; e, novamente, memórias do narrador quando jovem.

Apesar de a obra estar dividida em três partes distintas, que se acabam por relacionar, os mesmo ideais e temas estão sempre presentes ao longo da mesma, criando assim um certo paralelismo entre as ações. No decorrer do livro, a conceção da memória voluntária que recria o passado e o presente, associada sempre à impressão sensorial com o mundo; o sentido da existência; o fingimento artístico; a imaginação e a realidade; o amor possessivo e não correspondido, são alguns dos temas abordados neste livro.

Talvez o amor possessivo e não correspondido, carregado de ciúmes e desespero, tenha sido um dos pontos mais fascinantes e cativantes da obra. Há semelhanças entre a relação de Swann e Odette com a "relação" do protagonista e Gilberte, no sentido em que ambas são caracterizadas por não serem correspondidas à mesma altura pelas duas partes, e também pelo facto de os dois, Swann e o protagonista, apesar de estarem cientes desta lacuna no seu amor, continuarem a morrer de amores pelas suas amadas, aceitando e continuando a viver esta fantasia não correspondida, que

chega a ser agonizante sem eles próprios se aperceberem. A busca do tempo perdido por Swann, relativamente à sua relação com Odette, baseava-se no tempo em que este se sentia amado pela mesma, em que este sentia uma falsa garantia da mesma, apesar do enorme contraste com todas as outras vezes em que se sentiu inseguro e com ciúmes, porém estava tão cego de amores que não o conseguia perceber. Ele sofria pois na sua cabeça tinha criado uma imagem irreal e impenetrável de Odette: via-a como um ser perfeito e ignorava por completo as suas falhas e como esta o fazia sentir tão mal por vezes. Este amor de Swann é e será algo com que muitos leitores se podem e poderão relacionar, uma vez que é algo humano e o que o amor nos faz, às vezes, torna-nos cegos e dispostos a aguentar uma dor tão profunda que nos destrói e nos torna infelizes mesmo antes de conseguirmos sequer pensar em sermos felizes. "*E pensar que estraguei anos da minha vida, que desejei morrer, que dediquei o meu maior amor a uma mulher que não me agradava, que não era o meu tipo!*" será um pensamento não só de Swann, mas de todos nós e que representa o que é, de facto, o "amor".

Em suma, através de uma criação sensorial profunda, amalgamada com temas filosóficos e intemporais, Proust consegue através de um romance complexo expor, de forma brilhante, as suas conceções e ideologias da sua própria realidade e mente.

Sofia Simeão

Neste número não se fala de Covid-19, há informação suficiente, que o cuidado o seja também. Como as máscaras não são apenas um acessório de moda, ficam as instruções da Direção Geral de Saúde para o seu uso. É só ler e fazer como se ensina.

Bons exames para os que os vão fazer e boas férias para todos. Até breve, sem máscara, esperamos!

COVID-19

MÁSCARAS



COMO COLOCAR

- LAVAR AS MÃOS ANTES DE COLOCAR**

- VER A POSIÇÃO CORRETA**
Verificar o lado correto a colocar voltado para a cara (ex: na máscara cirúrgica lado branco, com arame para cima)

- COLOCAR A MÁSCARA PELOS ATILHOS/ELÁSTICOS**

- AJUSTAR AO ROSTO**
Do nariz até abaixo do queixo

- NÃO TER A MÁSCARA COM A BOCA OU COM O NARIZ DESPROTEGIDOS**


DURANTE O USO

- TROCAR A MÁSCARA QUANDO ESTIVER HÚMIDA**

- NÃO RETIRAR A MÁSCARA PARA TOSSIR OU ESPIRRAR**

- NÃO TOCAR NOS OLHOS, FACE OU MÁSCARA**
Se o fizer, lavar as mãos de seguida


COMO REMOVER

- LAVAR AS MÃOS ANTES DE REMOVER**

- RETIRAR A MÁSCARA PELOS ATILHOS/ELÁSTICOS**

- DESCARTAR EM CONTENTOR DE RESÍDUOS SEM TOCAR NA PARTE DA FRENTE DA MÁSCARA**

- LAVAR AS MÃOS**


TRANSPORTE E LIMPEZA DE MÁSCARAS REUTILIZÁVEIS

- Manter e transportar as máscaras em invólucro fechado, respirável, limpo e seco.
- Caso utilize máscara comunitária, deve confirmar que esta é certificada.
- Lavar e secar, após cada utilização, seguindo as indicações do fabricante.
- Verificar nas indicações do fabricante o número máximo de utilizações.

#SEJAUMAGENTEDESUADEPUBLICA
#ESTAMOSON
#UMCONSELHODADGS

REPÚBLICA PORTUGUESA
SNS SAÚDE NÓBIS
DGS DIREÇÃO GERAL DE SAÚDE



UNIÃO DAS FREGUESIAS
ALMADA, COVA DA PIEDADE
PRAGAL E CACILHAS



A União das Freguesias
de Almada,
Cova da Piedade,
Pragal e
Cacilhas
deseja-lhe boas festas



INFORMAÇÕES ÚTEIS

SEDE - ALMADA

T 212 722 540 F 212 722 549
geralalmada@uf-acppc.pt

SECRETARIA 09h00-12h15 e das 13h30-16h45

SMAS 09h00-12h15 e das 13h30-16h45

RECOLHA DE MONOS DOMÉSTICOS

Ligue (grátis) 800 204 819

POSTO DE ATENDIMENTO DA COVA DA PIEDADE

T 212 767 948 F 212 755 112
geralcovadapiedade@uf-acppc.pt

SECRETARIA 09h00-12h15 e das 13h30-16h45

SMAS 09h00-12h15 e das 13h30-16h45

SANITÁRIO 2.ª a 6.ª: 08h30-15h30;

Sábados: 8h30-12h30 e 14h00-17h00;

Domingos: Encerrado

RECOLHA DE MONOS DOMÉSTICOS

Ligue (grátis) 800 100 304

POSTO DE ATENDIMENTO DO PRAGAL

T 212 747 136/7 F 212 757 324
geralpragal@uf-acppc.pt

SECRETARIA 09h00-12h30 e das 13h30-17h00

SMAS 09h00-12h15 e das 13h30-16h45

POLIVALENTE 09h15 - 12h00 (3.ª e 5.ª)

RECOLHA DE MONOS DOMÉSTICOS

Ligue (grátis) 800 204 800

POSTO DE ATENDIMENTO DE CACILHAS

T 212 732 943 F 212 760 217
geralcacilhas@uf-acppc.pt

SECRETARIA 09h00-12h15 e das 13h30-16h45

SMAS 09h00-12h15 e das 13h30-16h45

RECOLHA DE MONOS DOMÉSTICOS

Ligue (grátis) 800 204 825

WWW.UF-ACPPC.PT
FACEBOOK.COM/UFACPPC

